

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

VALMIR FRANK

O ENVOLVIMENTO DO JOVEM COM A IGREJA:
UMA ANÁLISE DA CAMINHADA DOS JOVENS DE UMA COMUNIDADE DA
IECLB

São Leopoldo

2007

VALMIR FRANK

O ENVOLVIMENTO DO JOVEM COM A IGREJA:
UMA ANÁLISE DA CAMINHADA DOS JOVENS DE UMA COMUNIDADE DA
IECLB

Dissertação de Mestrado Profissionalizante

Para obtenção do Grau de Mestre em
Teologia
Escola Superior de Teologia
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
Religião e Educação

Orientadora: Dra. Laude Erandi Brandenburg

São Leopoldo

2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F826e Frank, Valmir

O envolvimento do jovem com a Igreja : uma análise da caminhada dos jovens de uma comunidade da IECLB / Valmir Frank ; orientadora Laude Erandi Brandenburg. – São Leopoldo : EST/IEPG, 2007.
81 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2007.

1. Adolescentes – Aspectos psicológicos.
2. Adolescentes – Aspectos sociais. 3. Obras da igreja junto aos adolescentes. 4. Adolescentes – Vida religiosa.
5. Jovens – Vida religiosa. 6. Fé – Aspectos psicológicos.
I. Brandenburg, Laude Erandi. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da Escola Superior de Teologia

À querida companheira e esposa Silvane e
ao nosso filho Daniel.

AGRADECIMENTOS

- ❖ A Deus que sempre está comigo, seja em momentos de extrema alegria, seja na mais profunda angústia.
- ❖ A minha esposa Silvane por sua muita paciência e incentivo para realizar este mestrado.
- ❖ A Daniel, meu filho, obrigado por tanto amor que tens me dado diariamente.
- ❖ À diretoria e aos membros da Paróquia Teutônia Norte.
- ❖ Aos colegas de trabalho Wili e Silvane pela ajuda nos momentos de aperto.
- ❖ À orientadora Laude por ajudar a encontrar o caminho certo, por saber dosar perfeitamente a exigência e o “deixar andar e descobrir por si”.
- ❖ A Gisela Streck que ajudou para que eu ingressasse neste mestrado.
- ❖ Aos colegas do MPE, uma turma muito criativa e divertida, obrigado pela convivência nesta rica diversidade.

RESUMO

Esta dissertação trata de questões teóricas referentes à juventude e adolescência. Parto do pressuposto de que a melhor maneira para ter sucesso em determinado trabalho é conhecendo de maneira detalhada e aprofundada o objeto ou o grupo com o qual se trabalha. Por isto busco descrever, com base na literatura atual, o que significa ser jovem e definir o que é o período da adolescência. Descrevo as influências que o jovem sofre da realidade que o cerca, no que o livro *Modernidade Líquida*, de Bauman representou um auxílio valioso, especialmente no processo de identificação de mudanças em nossa época. O jovem e sua família estão em meio à cultura do consumo e do descartável, à cultura do aqui e agora e à cultura do prazer e das sensações. Mas isso não é tudo. O próprio jovem também passa por mudanças significativas. Analiso, neste trabalho, o jovem e seu mundo interior, as mudanças no corpo e outras mudanças relacionadas, a busca dos iguais que é a “turma”, a busca de si e da identidade pessoal, as primeiras paixões e os primeiros amores e a busca da liberdade. Neste trabalho, a teoria está sempre ligada à prática. Busco referenciais teóricos que estão de acordo com aquilo que experimentamos na prática. Através desses referenciais, a época da adolescência e da juventude é descrita como uma fotografia.

Na segunda parte deste trabalho, o enfoque é dado no jovem e na fé em Deus. O referencial teórico para isso é o desenvolvimento da fé segundo James Fowler. Como a teoria de Fowler está embasada em Erikson, também considere de suma importância incluir nesta parte as “oito idades do ser humano” de Erikson. A seguir recebem atenção especial as concepções de religião, crença e fé segundo Fowler. Os estágios da fé são analisados, não como um avanço ou melhoramento, mas como uma determinada posição possível em determinada idade perante a fé. As fases da fé específicas da adolescência são descritas. Um Diário de Campo nos ajuda a conhecer melhor este Jovem. Os jovens do grupo de Juventude da Comunidade, mais um vez, dão a sua contribuição com desenhos de como imaginam Deus. O trabalho é finalizado com algumas propostas de atuação. Especificamente no grupo, nos grupos de presbíteros e nas famílias, o trabalho é essencial para que o jovem tenha um lugar apropriado dentro da Comunidade Cristã para lidar de maneira apropriada e salutar com sua fé, dúvidas e mudanças.

Palavras-chave: Adolescente, desenvolvimento e mudanças físicas e na fé, Comunidade.

ABSTRACT

This dissertation deals with theoretical subjects referring to youth and adolescence. I suppose that the best way to have success in certain work is knowing in a detailed and deep way the subject or the group in which the work happens. This is the reason why I try to describe, on the basis of the current literature, what it means to be young, and to define the period of the adolescence. I describe the influences that youth becomes from the surrounding reality, in which task Bauman's book *Liquid Modernity*, represented a valuable aid, especially in the process of identification of changes in our time. The youth and your family are amid the culture of consumption and of the disposable, the culture of the here-and-now and the culture of pleasure and sensations. But that is not all. The own youth also goes through significant changes. I analyze, in this work, the youth and his inner world, the changes in the body and other related changes, the search for the same ones as the "group", the search for itself and for his personal identity, the first passions and the first loves and the search for freedom. In this work, the theory is always linked to the practice. I look for theoretical references that agree with what we experience in practice. By means of these references, the period of adolescence and youth is described as a picture.

The second part of this work focus on the youth and on the faith in God. The theoretical reference for that is the development of faith according to James Fowler. Since the theory of Fowler is based in Erikson, I also considered extremely important to include in this part Erikson's "eight ages of the human being". Then we pay special attention to the conceptions of religion, creed and faith according to Fowler. The stages of faith are analyzed, not as a progress or improvement, but as a certain possible position in certain age to the faith. The specific phases of the faith in adolescence are described. A Daily one of Field in the aid to know this Young better. The young of the Youth Group of the Christian Community, again, give your contribution with drawings about how they imagine God. The work concludes with some practical proposals. Specifically in the youth group, in the leading groups and in the families it is essential for the youth to have an appropriate place inside of the Christian Community to handle in an appropriate and salutary way with your faith, doubts and changes.

Key words: adolescent, physical and faith development and changes, community.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. O JOVEM E O PERÍODO DA ADOLESCÊNCIA	12
1.1. Período da adolescência.....	13
1.2. O jovem e o mundo que o cerca.....	15
1.2.1. Modernidade Líquida.....	15
1.2.2. O jovem e a família.....	18
1.2.3. Cultura do consumo e do descartável.....	21
1.2.4- Cultura do aqui e agora.....	23
1.2.5. Cultura do prazer e das sensações.....	26
1.3. O jovem e seu mundo interior.....	28
1.3.1. Mudanças no corpo.....	28
1.3.2. Outras mudanças.....	30
1.3.2.1. A turma.....	30
1.3.2.2. Busca de si e da identidade pessoal.....	31
1.3.2.3. As paixões e os amores.....	37
1.3.2.4. A busca da liberdade.....	37
1.4. Considerações finais.....	38
2. O JOVEM E A FÉ EM DEUS	39
2.1. Estágios da Fé. O desenvolvimento da fé segundo James Fowler.....	39
2.1.1. As oito idades do ser humano – Erikson.....	39
2.1.2. Religião, crença e fé.....	45
2.1.3. Os estágios.....	46

2.1.3.1. Primeira vivência da fé (fé indiferenciada).....	46
2.1.3.2. Fé intuitivo-projetiva.....	47
2.1.3.3. Fé mítico-literal.....	48
2.1.3.4. Fé sintético-convencional.....	48
2.1.3.5. Fé individualizante-reflexiva.....	49
2.1.3.6. Fé conjuntiva.....	50
2.1.3.7. Fé universalizante.....	50
2.2. Fases da fé específicas da adolescência conforme Fowler.....	51
2.3. Diário de Campo.....	52
2.4. Jovens desenhando para mostrar como imaginam Deus.....	61
2.5. Propostas de atuação.....	67
2.5.1. Atuação direta com o jovem da Comunidade.....	68
2.5.2. Atuação com a família do jovem nesta Comunidade.....	69
2.5.3. Atuação com o presbitério da Comunidade.....	70
CONCLUSÃO.....	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74
Anexo I.....	78
Anexo II.....	80

INTRODUÇÃO

Tive a imensa alegria de experimentar em minha vida de adolescente o que é um grupo de Juventude Evangélica, um grupo do qual guardo lembranças muito boas. Foi neste grupo que tive a oportunidade de viver muito mais intensamente minha relação com a Palavra de Deus. Foi neste grupo que foram cultivadas as amizades mais bonitas. Era um lugar para falar das dúvidas; para desmistificar a figura do Pastor que jogava futebol conosco, um lugar para descobrir que a Igreja não estava aí para castigar, exigir e apontar o dedo acusador para os pecados cometidos. Descobri que a Igreja estava ao lado daqueles que se sentiam rejeitados, injustiçados muitas vezes, não compreendidos pelos pais, angustiados com as mudanças e com as incertezas do futuro. Não eram dadas todas as respostas e tampouco se esperava isso, mas o lugar para expressar, para dizer, para sentir, para perguntar, para se sentir “fazendo parte” estava aí e era oferecido. O espaço era do jovem, era nosso.

O tempo passou e agora me encontro “do outro lado” e nem tudo é tão bonito em relação ao jovem e ao grupo da Juventude Evangélica como parecia quando eu participava. Há grupos que não funcionam adequadamente, muitos até se extinguem. A proposta e a experiência que trago comigo nem sempre é bem-vinda ou dá certo na prática.

Os jovens de hoje pensam e agem diferente dos da minha época. A situação e a realidade se modificaram de maneira rápida e extrema. O que antes era lugar de discussão e encontro, hoje se mostra como um lugar de apatia que abriga um jovem indiferente. Onde antes se constituía um espaço para discutir dificuldades em relação a estudo, dinheiro, trabalho, hoje encontro uma insatisfação geral quando a mordomia de ser buscado e transportado ao lugar de estudo já não é o suficiente. O jovem tem ao seu alcance posses e bens nunca antes imaginados por alguém nesta faixa etária, incluindo a informação que chega ao lar de cada um através da

informática e comunicação de massa. Constata-se uma realidade em que tabus em relação à educação sexual desapareceram rapidamente.

Mas, frente a tudo isso, é mais fácil ser jovem na atualidade? Ao que parece, não. Nessa liberdade, neste mundo de informação e informatização, neste mundo de competição e no qual todas as coisas são “fast”, parece que tudo ficou ainda mais complicado.

E a Comunidade Cristã? Ela ainda oferece um lugar que serve de encontro, de esclarecimento, de manifestação de dúvidas e crises de fé, de fortalecimento, onde se aprende e se têm o exemplo de valores verdadeiros da vida cristã? A resposta a esta pergunta também gera angústia. As coisas já não são mais como antigamente. O que está acontecendo?

Esta pesquisa tem como objetivo a busca por uma resposta às perguntas acima, mas não só isso. Ela também procura contribuir para esclarecer dúvidas em relação a esta fase importante da vida do ser humano, tentando falar de maneira esclarecedora sobre as mudanças cada vez mais rápidas deste mundo. Quanto melhor se souber interpretar e analisar as mudanças que acontecem nesta fase da vida e as implicações da realidade na vida do jovem (também na nossa), tanto maior será a possibilidade de haver um melhor relacionamento entre as mais diversas faixas etárias.

No primeiro capítulo, é analisada a época da adolescência, as idades sugeridas pelas diversas teorias. As perguntas nos motivaram foram estas: que população é esta? O que é o adolescente? Descrevo ademais as influências que o jovem sofre da realidade que o cerca. Nessa tarefa conto com a ajuda do livro *Modernidade líquida*, de Zygmunt Bauman, especialmente no que se refere ao processo de identificação de mudanças em nossa época. Passou-se da imutabilidade e monotonia das rotinas para o mercado aberto, onde tudo pode acontecer a qualquer momento e, por isto, a característica marcante é a imprevisibilidade. Decorar perde prioridade diante da necessidade de criar, inovar, mudar, buscar soluções para resolver problemas inusitados, agir proativamente, tomar iniciativas em vez de receber ordens e obedecer mecanicamente. O jovem também se defronta com a cultura do consumo e do descartável, a cultura do aqui e agora e a cultura do prazer e das sensações. É nesse meio que vivem o jovem e sua família. Mudanças muito grandes aconteceram nos últimos tempos. Algumas são analisadas nesta parte do trabalho. Mas isto não é tudo. O jovem ainda passa por mudanças significativas.

Analiso neste trabalho o jovem e seu mundo interior, as mudanças no corpo e outras mudanças relacionadas, a busca dos iguais que é a “turma”, a busca de si e da identidade pessoal, as primeiras paixões e os primeiros amores e a busca da liberdade. Este primeiro capítulo quer ser entendido de certo modo como uma fotografia. São características observadas que se manifestam de uma maneira mais intensa ou sublime no jovem deste grupo observado.

No segundo capítulo, o enfoque é dado no jovem e na sua fé em Deus. O referencial teórico para isso é o desenvolvimento da fé na vida humana segundo James H. Fowler. Como a teoria de Fowler está embasada na teoria do desenvolvimento psicossocial do indivíduo, de Erik Erikson, considerei importante incluir esta teoria nesta parte.

Em seguida, são descritas as concepções de religião, crença e fé segundo Fowler. Os estágios da fé propostos pela teoria de Fowler são analisados, não como um avanço ou melhoramento, mas como uma determinada posição possível em determinada idade perante a fé.

Também são descritas as fases da fé específicas da adolescência.

O Diário de Campo faz parte do corpo deste trabalho. O Diário de Campo consiste na reflexão pastoral a partir de observações e registros colhidos na realidade de vivência dos jovens deste grupo ao longo destes dois últimos anos.

O grupo de Juventude da Comunidade dá a sua contribuição mais uma vez com desenhos de como imaginam Deus.

O trabalho é finalizado com algumas propostas de atuação. Especificamente no grupo, nos grupos de presbíteros e nas famílias o trabalho é essencial para que o jovem encontre um lugar apropriado dentro da Comunidade Cristã para lidar de maneira apropriada e salutar com sua fé, dúvidas e mudanças.

Para conseguirmos relacionar de maneira coerente a realidade do grupo analisado com as mais diversas teorias apresentadas utilizamos a metodologia da pesquisa-ação. Esta pesquisa consiste de três questões básicas: Um questionário respondido objetivamente pelo Jovem colocando seu grau de escolaridade, grau de instrução dos pais e local de trabalho (ver Apêndice I). Além disso, solicitou-se aos jovens que fizessem um desenho tendo como motivação o seguinte questionamento: como imagino Deus? Estes desenhos fazem parte do corpo deste trabalho. E o Diário de Campo que também faz parte do corpo deste trabalho

1. O JOVEM E O PERÍODO DA ADOLESCÊNCIA

**"Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia,
Eu não encho mais a casa de alegria.
Os anos se passaram enquanto eu dormia.
E quem eu queria bem, me esquecia.
Eu não tenho mais a cara que eu tinha,
No espelho, essa cara não é a minha.
Mas é que quando eu me toquei achei tão estranho:
A minha barba estava desse tamanho.
Será que eu falei o que ninguém ouvia?
Será que eu escutei o que ninguém dizia?
Não vou me adaptar, não vou me adaptar ..."**
(Titãs, *Não vou me adaptar*)

Falar ou escrever sobre o jovem da atualidade não é a coisa mais fácil a se fazer. Entendo que existem muitos "jovens" na atualidade. O jovem dito "do interior", isto é, que está fora das grandes cidades, não é o mesmo jovem que está nos grandes centros. O jovem do sul do Brasil é diferente daqueles que são do norte. O jovem do Brasil não é o mesmo que o da Europa ou da América do Norte. Porém, até mesmo estas diferenças tendem a ficar menores por causa da globalização do nosso planeta. Para falar de jovem, juventude e período da adolescência é importante analisar algumas características do jovem com o qual convivemos e o mundo que o cerca. Ciente das diferenças mencionadas, ciente também da impossibilidade de me aprofundar em todas estas diferenças, ciente que falar de adolescência não é o mesmo que falar de juventude, proponho-me a analisar algumas manifestações do jovem numa área geográfica bem específica, a saber, no interior do município de Teutônia, no interior do Rio Grande do Sul, no sul do Brasil e da América Latina.

1.1. Período da adolescência

Mas que população é esta? O que é o adolescente?

Não é meu propósito, neste início de trabalho, fazer uma discussão ampla e profunda sobre as diversas teorias referentes à idade que envolve a época da adolescência. O que desejo deixar claro de início é a identidade do grupo de que trata este trabalho.

Talvez os questionamentos mais intrigantes na mente de um adolescente sejam estes: **quem sou eu? O que posso fazer de importante? Que valor eu tenho?**¹ Surpreendido com o universo de emoções e descobertas que começa a desvendar, é comum que o jovem tenha dificuldade em lidar com uma série de transformações, não só físicas e orgânicas, mas também emocionais, intelectuais e sociais inerentes ao processo de desenvolvimento humano. Levy traz uma ilustração feita por um adolescente ao descrever a si mesmo: um vulcão em erupção².

Importante dizer que “adolescência” vem do latim “adolescere”, que significa crescer³. Há divergências entre os diversos autores quanto ao período etário a ser estipulado para a adolescência, mas poderíamos convir que corresponde ao período de 11 a 21 anos de idade⁴. Nesse período há muitas mudanças acontecendo. Em relação ao corpo do jovem, a maioria sofre com o que os próprios adolescentes chamam de “problemas físicos”! Estes “problemas” estão associados à puberdade; por exemplo, o adolescente “gordinho”, o que tem “a cara cheia de espinhas” e as rápidas mudanças e crescimento do corpo e variações constantes no humor. Estas mudanças e novas condições provocam certa instabilidade na autoconfiança e na auto-estima do adolescente.

Por isso, muitas pessoas chamam a adolescência de a fase da “aborrecência”, talvez por ser incômoda para alguns que já não lembram que também passaram pela experiência de “*adolescere*”, da qual ninguém escapa, por mais diversos que sejam os modos de vivenciá-la.

¹ STRECK, Valburga Schmiedt, SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar**. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 75.

² LEVY, Ruggero. O adolescente. In: EIZIRIK, L. Cláudio; KAPCZINSKI, Flávio; BASSOLS S. Ana Margareth (Org). **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 129.

³ LACERDA, Catarina Augusta de Oliveira Pasin de; LACERDA, Milton Paulo de. **Adolescência: problema, mito ou desafio?**. Petrópolis: Vozes, p. 117.

⁴ DAUNIS, Roberto, **Jovens - desenvolvimento e identidade: troca de perspectiva na psicologia da educação**. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 2000. p. 53.

Alguns autores defendem a idéia de que para esse período da "adolescência" não se pode estipular rigidamente "um começo e um fim". A variação é de país para país e, pode-se dizer mesmo no caso do Brasil, de região para região. Causas psicossociais concorrem para essa flexibilidade.

A adolescência deve ser entendida como um segmento da sociedade. Por se tratar de um segmento intermediário entre a criança e o adulto, o adolescente tem características próprias. Características frágeis, que por isto fazem do jovem o "espelho" deste sistema, porque o adolescente retrata o conjunto de mazelas dessa sociedade. É interessante observar que o jovem é uma espécie de termômetro da sociedade. Por suas condições peculiares o jovem retrata de maneira quase extrema o que acontece ao seu redor. A melhor descrição do que desejo dizer neste momento é esta comparação: o jovem é um fruto com gosto acentuado. Manifesta, expõe, o que acontece na família e na sociedade. Como descreve de maneira ímpar Arminda Aberasturi, "não creio que se possa falar de uma crise da juventude, senão de uma forma de crise dos jovens dentro de uma sociedade em crise".⁵ Individualmente, o adolescente passa por transformações biopsicossociais que são vividas por alguns como crises da idade.

A adolescência pode, então, ser definida cronológica, sociológica e psicologicamente. Cronologicamente já a situei neste trabalho no período que vai dos onze aos vinte e um anos de idade. Sociologicamente é um período de transição do estado de dependência para o de autonomia. É quando se começa a assumir as responsabilidades do mundo adulto. Psicologicamente, a adolescência é um período crítico de definição do ego, com grandes mudanças na personalidade. A adolescência é um conjunto psicossocial que representa uma fase crítica no processo evolutivo em que o indivíduo é chamado a fazer importantes ajustamentos de ordem pessoal e social. Entre esses ajustamentos estão a luta pela independência financeira e emocional, a escolha de uma vocação e a própria identidade sexual. Como conceito psicossocial, a adolescência não está necessariamente limitada aos fatores cronológicos. O que, de fato, marca o fim da adolescência são os ajustamentos normais do indivíduo aos padrões de expectativa da sociedade com relação às populações adultas.

⁵ ABERASTURI, Arminda. **Adolescência**. Tradução de Ruth Cabral. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 31.

Concluindo: a adolescência é um período de transição entre o ser-criança e o adulto. Esta situação de ser e não ser e a busca da identidade psicológica cria uma grande confusão que provoca crise. A adolescência é uma fase do desenvolvimento do ser humano que corresponde à segunda década da existência. Ela contém a síntese das conquistas e dos atropelos da infância e a transformação sexual, ideológica e, até social, impostas pela mudança corporal. É uma fase de profundas transformações físicas, psicológicas e sociais no ser humano. Momento em que a pessoa estabelece novas relações com a família, amigos e consigo mesmo. Fase das perguntas e das dúvidas que devem encontrar espaço para serem respondidas sem preconceitos e com liberdade para não se transformarem, mais tarde, em angústia e ansiedades.

A adolescência é marcada por conflitos e anseios, por uma busca de novos caminhos e, ao mesmo tempo, de âncoras que lhe dêem estabilidade e segurança. A designação para isso na literatura é “ritos de passagem”. Sobretudo no jovem se manifesta o que está acontecendo ao seu redor. Por isso é imprescindível falarmos do “mundo” que está ao redor deste jovem.

1.2.- O jovem e o mundo que o cerca

O “externo” influencia a vida do ser humano. Gilberto Dimenstein nos diz que a criança é como o fruto da árvore chamada país. Para conhecermos as crianças e a juventude precisamos conhecer a realidade que as cerca. Não teremos uma juventude sadia e estável se o país não for assim. “Isso porque árvores doentes não dão bons frutos.”⁶ Quais são as características desta sociedade que vivemos?

1.2.1. Modernidade “líquida”⁷

A análise da história da sociedade humana revela, para cada período, características peculiares na área do conhecimento e das relações, as quais determinam o modo de vida, as soluções para a educação, os processos de produzir, as relações sociais e laborais. Assim, a humanidade, em sua evolução

⁶ DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel**: a infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil. São Paulo: Ática, 1998, p. 17.

⁷ BAUMAN, Zygmunt, **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Toda a discussão desta sub-seção está baseada neste livro.

histórica, experimentou vários períodos na trilha de seu desenvolvimento, desde os primórdios da vida societal até os tempos atuais, passando da idade da pedra lascada, à Antigüidade, à Idade Média, à era moderna.

Bauman, sociólogo polonês, subdivide o período da modernidade da história humana em dois estágios: “modernidade sólida” e “modernidade líquida”.

O primeiro estágio corresponde a um período da humanidade em que a durabilidade foi extremamente valorizada: a solidez era assegurada pela reprodução da ordem social. As posses duravam para sempre. Bom era o que durava pelo resto da vida. Nesse tempo, acreditava-se na natureza eterna das leis que governam a natureza humana, assim como na ordem imutável do mundo. Desta forma, para as crenças da sociedade, inexistiam transformações no mundo. As estruturas pareciam duráveis e eram fortemente dirigidas e vigiadas. A norma das ações humanas era repetir, tanto quanto possível, os padrões a serem seguidos. Com a durabilidade e permanência da ordem das coisas, a dominação consistia no direito de impor regras que não quebrassem ou se desfizessem, supervisionar sua execução, submeter as pessoas às regras determinadas para o “como” fazer. No mundo assim caracterizado, os indivíduos aprendiam e incorporavam hábitos que se arraigavam na personalidade e se repetiam automaticamente. Os conhecimentos e hábitos adquiridos tinham utilidade para solucionar as situações pelo resto da vida, em razão dos contextos previsíveis e duráveis em que se vivia. Os condicionamentos eram suficientes para garantir o sucesso no trabalho e nas relações sociais. Valia a pena memorizar as regras, incorporá-las em hábitos e eternizá-las automaticamente. As preferências recaíam sobre hábitos arraigados, estruturas cognitivas sólidas e valores estáveis, como lealdade para sempre, vínculos irrompíveis e compromissos a longo prazo. Por exemplo: o casamento que durava a vida toda. Nesse estágio, o valor do conhecimento e da educação era reconhecido pela durabilidade e permanência de sua validade. Nesse paradigma, as teorias da educação prevalentes, tomando o mundo como estrutura de referência imutável, entendem que a aprendizagem consiste em reproduzir a regularidade do mundo pelo padrão da rotina behaviorista do indivíduo que aprende. Assim, a educação é percebida como um produto que se adquire em um dado momento e se conserva igual para o resto da vida. Nesse paradigma, o mundo e suas regras pareciam duráveis. Tudo o que se aprendia servia para sempre e a aprendizagem realizada pela educação institucionalizada asseguraria o sucesso.

No segundo estágio, tempos de agora - “modernidade líquida”, na expressão de Bauman - o mundo, contrariamente ao estágio anterior, é caracterizado pela mutabilidade constante, pela fluidez das estruturas, determinando flexibilidade estrutural, organizacional e relacional. Passou-se da imutabilidade e monotonia das rotinas para o mercado aberto, onde tudo pode acontecer a qualquer momento. Por isto, a característica marcante é a imprevisibilidade. O mundo passa a ser presidido por mudanças instantâneas e erráticas. Os hábitos arraigados, as estruturas cognitivas sólidas, os valores estáveis, prevalecentes antes, passam a constituir desvantagens hoje. A velocidade das mudanças determina constantes transformações nas regras durante o desenrolar do jogo. Permanente é a impermanência das coisas. Isto implica a necessidade de os indivíduos adquirirem a habilidade de abandonar hábitos rapidamente e substituí-los por outros. Estes, provavelmente, também não duráveis. A memorização de regras, tão solidamente fortalecida no estágio da modernidade “sólida”, parece sem utilidade nos tempos voláteis da modernidade “líquida”, adverte Bauman. Decorar perde prioridade diante da necessidade de criar, inovar, mudar, buscar soluções para resolver problemas inusitados, tomar iniciativas em vez de receber ordens e obedecer mecanicamente. Podemos perceber isso claramente no Ensino Confirmatório onde o decorar “saiu completamente da moda”. Assim, as mudanças advindas dos avanços científicos e tecnológicos transformam o mundo num ritmo veloz, impõem novos relacionamentos sociais e laborais, exigem novas capacidades humanas para enfrentar desafios nunca antes experimentados pelos seres humanos. Andar e correr não bastam; é preciso ter leveza e flexibilidade para “surfar” ou voar⁸ nas ondas que surgem a todo instante e dispor dos mecanismos para não sucumbir às suas forças vorazes. O mundo do estágio anterior, de respostas prontas, previsível, cheio de rotinas podia ser enfrentado através de uma educação em que prevalecem os treinamentos, as respostas preestabelecidas, a transmissão de conhecimentos, a memorização preferencial de regras, fórmulas e dados. Esses mecanismos ofereciam respostas satisfatórias ao indivíduo para enfrentar o mundo onde supervisores e inspetores decidiam, determinavam e controlavam a execução, sem exigir posicionamentos do trabalhador; onde a situação era aceita como dada, onde padrões habituais de comportamentos eram suficientes para o sucesso profissional e social.

⁸ Aliás; temas e ordens bem aproveitados pelas propagandas que surgem na televisão a todo momento.

A sociedade mudou e está mudando constantemente. Estas mudanças afetam profundamente cada setor desta sociedade, sendo que a família obviamente família tampouco escapa dessa influência. A maneira como está estruturada a família na atualidade diz respeito diretamente à vida do jovem, tornado-se, portanto, tema obrigatório deste trabalho. É na família que o ser humano nasce e se desenvolve. É na família que ele enfrenta suas crises e busca suas realizações. E é fato que o “núcleo” da sociedade passa por mudanças. Que tipo de mudanças são estas?

1.2.2. O jovem e a família

A primeira coisa que ouvimos em conversas sobre “família” é que ela já não é mais como era no passado. Quando a conversa era sobre família, podíamos ouvir algo semelhante a isto: a primeira sociedade organizada no mundo é a família. Ela é a base de todas as demais sociedades. Inicia-se com o matrimônio e é teoricamente formada por pais e filhos que vivem em amor recíproco. A confiança, a cooperação, o respeito, a obediência, a compreensão e a tolerância mútuas são os preceitos básicos para que a família continue a existir. É o amor, aliás, que dá vida à família, quando firma os laços de união entre seus integrantes, o amor dos pais pelos filhos e dos irmãos entre si. Está presente a capacidade da renúncia e a disposição de privar-se de algo em favor do outro ou de todos: privar-se de conforto, repouso, prazer. O pai e a mãe, por exemplo, trabalham para que não falte nada em casa e muitas vezes deixam mesmo de se divertir.⁹

Obviamente a família de hoje já não é a mesma que a de ontem. Muita coisa mudou na prática. Até mesmo o conceito de família já é outro. A autoridade dos pais já não é mais respeitada como era há alguns anos atrás. A mulher, a esposa, a mãe, já não é mais a “rainha do lar”. Ela conquistou espaços fora do ambiente doméstico. Ela trabalha e ganha salário. O homem já não se sente mais como único responsável em prover os recursos necessários para o bem-estar da família.

⁹ STRECK; SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1996, p. 9.

Ainda há outras mudanças significativas. “Os casais se separam, se casam novamente, geram, saem em busca da própria felicidade, valorizam o individualismo (...)”.¹⁰

Muitas vezes os pais chegam a delegar completamente a educação à escola. Acham que é exclusivamente da escola o papel de ensinar e educar. Pelo fato de as mães trabalharem fora de casa, o pai trabalhar muito em seu emprego fora de casa e ainda trazer trabalho para casa por causa da grande competição no mercado de trabalho, muitos adolescentes de hoje começaram a conhecer o ambiente escolar aos dois anos de idade. Eles passaram sua infância na escola e outras pessoas cuidaram deles.¹¹ As famílias ficaram menores. Muitas se isolaram completamente. As visitas a familiares se restringiram àquelas a parentes de primeiro grau e ficaram cada vez mais raras. Esta falta de convivência familiar pode influir para que os jovens não tenham o sentimento de vínculos familiares e valores como gratidão, religiosidade, disciplina, cidadania e ética.¹²

O que une a família nos dias atuais? Que estrutura ela tem? É complicado responder a estas duas questões. As famílias podem ser constituídas das formas mais diversas possíveis. Pais separados, casados novamente, meio-irmãos morando juntos, filhos postigos, etc. Poderíamos dizer que o que une uma família na atualidade é fato de determinadas pessoas possuírem a chave da mesma casa? Ou como Içami Tiba descreve: “A família de hoje é um núcleo afetivo, socioeconômico, cultural e funcional num espírito de equipe no qual convivem filhos, meio-filhos, filhos postigos, pais tradicionais-revolucionários-separados-recasados, o novo companheiro da mãe e/ou nova companheira do pai.”¹³

Quando falamos de adolescência e família, infelizmente temos que falar também de situações de crise e conflito. Para os jovens, os pais estão ligados demais ao passado, ultrapassados e “chatos”. Para os pais há uma enorme dificuldade em aceitar o estilo de vida dos adolescentes e toda sua instabilidade social. Eles querem que seu filho seja especial e que se prepare muito bem para enfrentar o mundo adulto.¹⁴ É uma época complicada para os filhos por que há angústia, dificuldades, confusão e medo. É importante ressaltar que a fase também

¹⁰ BRITTO Marilda S. da Rocha. A terceirização da maternagem. In: WEINBERG, Cybelle (Org). **Geração *delivery***: adolescer no mundo atual. São Paulo: Sá, 2001. p. 129.

¹¹ TIBA, Içami. **Adolescentes**: quem ama, educa. São Paulo: Integrare, 2005. p. 36.

¹² TIBA, 2005. p. 36.

¹³ TIBA, 2005. p. 147.

¹⁴ STRECK; SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1996, p. 76.

não é fácil para os pais que convivem com estes jovens. A maioria das “teorias e teses” sobre filhos adolescentes não costumam dar certo. “Porque só o fato de saber que o adolescente é contraditório, inseguro, às vezes agressivo, às vezes carente, não torna mais fácil o dia a dia de quem com eles convive.”¹⁵

De certa maneira, poderíamos dizer, que no convívio com um adolescente a crise é quase inevitável. Mesmo que os pais sejam compreensivos, bem preparados, em última análise, os adultos ficam sempre do lado de fora do mundo interior do adolescente.¹⁶

Os pais também não conseguem aceitar que seus filhos não os obedeçam mais como faziam quando tinham sete anos de idade. Os conflitos entre gerações se tornam mais evidentes na fase da adolescência. É no movimento de conquista da independência e autonomia que o jovem volta-se para o meio social e se apóia no seu grupo de iguais. A busca de apoio e o apego ao seu grupo de iguais é o que mais se destaca no grupo de jovens de que trata este trabalho.¹⁷ É comum, em tal processo, que o jovem apresente maior rebeldia em relação às figuras de autoridade. Nesta etapa da vida, as regras costumam ser questionadas e até mesmo contestadas. Acontece até mesmo uma inversão de papéis de autoridade dentro de uma família. Os pais se comportam de maneira passiva em relação aos filhos. Os filhos assumem o papel de “comandar”. Há alguns fatores que contribuem para que isto aconteça. Uma das razões pode ser o nível de instrução dos jovens, quase sempre superior ao de seus pais.¹⁸

Há, porém, valores e idéias que continuam ligados à família, pois a família deve proporcionar autonomia ao jovem e favorecer seus papéis adultos (socialização/individuação) para um desenvolvimento sadio, com autonomia, independência e condições para tomar suas próprias decisões. Há a necessidade de continência familiar: uma moderação nas suas ansiedades, expectativas, críticas, etc... A flexibilidade é a chave do sucesso: não ser radical, autoritário. A adolescência exige mudanças estruturais e renegociações de papéis, envolvendo, às vezes, duas gerações. Os pais, ao satisfazerem as necessidades de maior apoio e autonomia, podem entrar em contato com necessidades semelhantes neles mesmos. A tensão pode vir de ambos os lados, pais e filhos. Os pais devem

¹⁵ ZAGURY, Tania. **O adolescente por ele mesmo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 28.

¹⁶ DAUNIS, 2005, p. 194.

¹⁷ Este é o destaque do Diário de Campo que faz parte deste trabalho. p. 51-60.

¹⁸ Anexo I deste trabalho. p. 77-78.

aprender a ter um relacionamento adulto com os filhos crescidos. Para os pais é muito difícil deixar de tratar os filhos como crianças. Deixar de tratar o jovem como o “nenê da mamãe”, por exemplo. Na maioria das famílias com filhos adolescentes, os pais estão com seu foco de atenção em outros pontos (muitas vezes reavaliando o casamento e a carreira) e deixam de prestar atenção às necessidades de seus filhos adolescentes. O filho que reivindica independência pode vir a criticar os pais que a concedem com demasiada facilidade. O pendor para a independência é natural, mas a perspectiva de uma independência completa é assustadora. Ele precisa que os pais lhe indiquem limites e quer ter clareza sobre esses limites para se sentir parte de um grupo, sentir-se amado e protegido. Não devemos nos limitar a ensinar coisas às nossas crianças e jovens, mas fazer mais: devemos ensiná-los a ser pessoas de bem. O questionamento dos valores paternos sem qualquer diálogo leva os adolescentes a criticar as falhas dos pais. Nas famílias em que as decisões e a autorregulação são limitadas, os adolescentes tendem a ficar mais dependentes e menos seguros. Isto favorece o desenvolvimento de um adulto inseguro e dependente de outras pessoas. A adolescência também constitui uma fase de perda para a família: perde-se a criança para ganhar o adulto jovem. A filosofia a ser aplicada nesta fase pode ser chamada de “afrouxe e aperte”: dizer “sim” sempre que possível, “não”, quando preciso. Flexibilidade é necessária. O mais importante de tudo é não se afastar emocionalmente do filho. Os pais, além de falarem, devem ensinar praticando o que dizem em alto e bom tom. Teoria e prática devem se “casar” e se entrelaçar.

A presença do pai e da mãe é de suma importância no desenvolvimento do filho. É necessário que os pais que convivem diariamente com o adolescente, estejam atentos e dispostos a ajudá-lo a passar de forma construtiva por essa fase do ciclo vital. Devem manter abertas sempre as vias de comunicação com seus filhos.¹⁹

1.2.3. Cultura do consumo e do descartável

Uma das características da nossa época, vivida muito intensamente por nossos adolescentes e, no meu entender, também um sintoma desta modernidade líquida, é a transitoriedade de todas as coisas. Tudo passa rapidamente. Não

¹⁹ DAUNIS, 2005, p. 195.

somente o estudo, o decorar, é afetado por esta transitoriedade. Há um forte sentimento de que nada é duradouro.

Por que esperar pela comida em um restaurante tradicional se existe o *fast-food*? Por que se submeter à dieta se é possível fazer uma lipoaspiração? Por que freqüentar uma academia se existe o anabolizante? Por que consertar o televisor se é mais barato comprar um novo? Estragou uma peça do carro... é possível consertar? Não! Melhor trocar peça inteira que vem lacrada.

Uma vez que todos os grandes mercados e aqueles “em desenvolvimento”, estão sofrendo o canibalismo mercadológico, fruto da grande competição, e se vêem praticamente sem perspectiva de crescimentos significativos da população, ou seja, não se faz mais consumidores como antigamente, o consumo rápido e descartável é, na verdade, a forma que o capitalismo encontrou para continuar a expandir-se de forma contínua. Portanto, encurtar o tempo entre um consumo e outro é a estratégia dos capitalistas pós-modernos. É nesse contexto que a sociedade do consumo rápido e a idéia do descartável nascem e desenvolvem sua cultura e sua forma de interação social. Nesta sociedade nada é tão valorizado como o tempo e o nível de consumo. As coisas devem estar disponíveis na velocidade de um *click*, num abrir e fechar de olhos. O mundo é formatado para o consumo imediato e de forma a fazer com que esse consumo dure apenas o tempo necessário para que o sujeito deseje mais. O consumo deve ser compulsivo. A cidadania na sociedade do consumo está ligada à quantidade consumida pelo sujeito. Quanto mais e mais rápido a pessoa consome, tanto mais ela é valorizada e reconhecida. Criam-se, assim, categorias de cidadãos e uma legião de excluídos, uma vez que estes não consomem. Consumir significa estar inserido na sociedade.

Cada vez mais a lógica mercadológica do rápido e descartável faz parte da cultura desta nova sociedade que surge e está enraizada nos jovens e adolescentes. Nesta sociedade não é importante o Ser, e sim o Parecer. A legitimidade das coisas e das pessoas está na aparência e não na essência. Os valores e a ética que esta sociedade enxerga na velocidade e na descartabilidade das coisas, ainda mais quando entre estas se encontra o relacionamento humano, são questionáveis. O relacionamento humano torna-se desnecessário. Amigos aos montes, por ex., no Orkut; muitos amigos, mas sozinho. Crianças trocam os amigos por jogos eletrônicos. O mercado de vendas é grande; há o desejo de comprar, mas não se sabe mais aproveitar o que se adquiriu. Crianças e jovens querem coisas novas;

quem sabe um novo brinquedo, um novo álbum, e não sabem, ou não têm tempo de brincar depois que os ganharam. Jovens e adultos namoram e até fazem sexo virtualmente. O relacionamento não dura mais que alguns momentos. “Ficar é uma boa”. Famílias vivem em condomínios fechados, até por questão de segurança, mas também por questão de comodidade. Tais condomínios são verdadeiros mercados habitados por pessoas. Como já foi dito, tudo está a um *click* do consumo. Tudo nesta sociedade é questão de opção e escolha; menos a atividade de comprar.²⁰

Neste universo tudo pode ser trocado por algo melhor; também a companhia e o amor. Pessoas podem ser “consumidas”; quanto mais beijos numa noite, melhor. A idéia que se tem dos objetos é transferida para os seres humanos; uso e abuso, e depois descarto! Esta também é uma das idéias que está muito presente no grupo de juventude.²¹

A moda explora todos estes fatores e atrai os jovens com propagandas apelativas. Marcas e grifes são importantes. O que se enxerga um dia no programa BBB, da TV Globo, no outro dia faz parte do guarda roupa desses jovens.²²

Tudo deve ser novo. Idéias tradicionais não têm mais lugar. Com isto a pessoa idosa também não tem mais lugar. Ou tem um: o *Opa Haus*, ou seja, um ancionato ou casa para idosos!²³

1.2.4. *Cultura do aqui e agora*

Os últimos séculos têm sido marcados por descobertas fantásticas e avanços a velocidades vertiginosas. Na medicina, os avanços são incríveis; operações antes consideradas complicadas agora são feitas até mesmo a distância. A tecnologia se desenvolve a passos largos. A informatização e o acesso à informação estão presentes em praticamente cada lar e cada quarto de adolescente. A TV e a Internet fazem parte do dia a dia das famílias. Como isto afeta a vida dos seres humanos? Como isto afeta a educação em família?

Muito vezes ouvimos pais de adolescentes dizerem que educar e ensinar os filhos hoje em dia se tornou uma tarefa impossível. Os meios de comunicação, em especial a TV e a *internet*, invadiram os lares, de modo que já não se consegue

²⁰ BAUMAN, 2001, p. 87.

²¹ Que vemos no Diário de Campo que faz parte deste trabalho, p. 51-60.

²² Diário de Campo. p. 51-60..

²³ *Opa Haus* é um lugar no município de Teutônia onde pessoas idosas podem ser “internadas” e cuidadas.

controlar a informação a que eles têm acesso. Na geração passada, ficar preso num quarto era considerado castigo. O jovens eram isolados para pensar bem sobre seus gestos e atitudes. Hoje a pessoa, mesmo estando longe de um contato pessoal com as pessoas mais próximas, tem a oportunidade de estar conectado com o mundo todo.²⁴ Até nos recantos mais distantes do interior a *internet* está disponível através de ondas de rádio.

De fato, educar os filhos hoje se transformou num grande desafio para os pais, contudo, não é tarefa impossível. É preciso entender o quê e como a era da informática alterou a vida em sociedade, para então utilizar bem os recursos agora disponíveis para a formação dos filhos. Algumas décadas atrás, os pais tinham um controle natural das informações a que os filhos tinham acesso. No meio rural, era comum saírem para o trabalho juntos, onde permaneciam o dia todo, inclusive as crianças, que cresciam vendo os pais trabalharem e, naquele ambiente, com naturalidade, mais com o exemplo que com as palavras, os filhos tinham nos pais o modelo de vivência das virtudes a serem imitadas quando crescessem. Nos meios urbanos, não eram raros os comerciantes e artesãos que possuíam a casa aos fundos do estabelecimento, de modo que trabalho e vida familiar se misturavam, e nessa convivência bem estreita entre pais e filhos, as crianças eram informadas e formadas. E mesmo quando os pais saíam para trabalhar fora, era muito comum manter ao menos o convívio com as mães, que acabavam por ser o elo principal entre os filhos e o mundo exterior. Atualmente, como sabemos, as coisas não são mais assim. O comum é o pai e a mãe trabalharem fora muitas horas por dia, como vimos na análise sobre a família atual. E para suprir a ausência dos pais, os filhos têm à disposição uma verdadeira parafernália: a televisão com uma infinidade de opções de programação, a *internet*, que lhes permite um acesso muito rápido a vários tipos de informação (informações nem sempre corretas ou confiáveis). Há crianças e adolescentes que passam horas e horas diante da TV ou do computador, prejudicando inclusive sua saúde – com problemas de coluna, sedentarismo, déficit de atenção, falta de responsabilidade, com tendência excessiva para a diversão. A publicidade incentivando o consumo, os jogos virtuais incentivando a violência, assim como os conteúdos da Internet, que muitas vezes não são de fontes

²⁴ TIBA, 2005, p. 84.

confiáveis, produzem valores distorcidos nas crianças, que contradizem os valores coerentes para um saudável convívio social.

Diante dessa nova situação, porém, não se deve cair num saudosismo melancólico que se reduz a uma constante lamentação: “antigamente as coisas eram bem melhores”, frase que realmente se ouve freqüentemente. Os recursos que o mundo moderno proporciona não o tornam melhor ou pior, mas tão-somente diferente. E será melhor ou pior conforme o uso que fizermos desses recursos. Aos que se queixam de que a TV e a *internet* acabaram com o convívio familiar, convém lembrar que o televisor e o computador ainda possuem um dispositivo muito interessante: aquele que os liga e também desliga. É o caso, pois, de os pais imporem horários para acessar a *internet*, assistir TV e que, fora desses, sejam rigorosos em não permitir a sua utilização. Mas não basta proibir. Se os horários que os filhos podem dedicar à TV e à *internet* são limitados, deve haver alternativas saudáveis. É extremamente importante investir tempo em estar com os filhos. Alguns pais, para se verem “livres”, simplesmente deixam a educação e as informações básicas necessárias à vida a cargo da TV. Outros, como que para tranquilizar suas consciências após longas ausências do convívio familiar, costumam dizer que “o que importa é a qualidade e não a quantidade do tempo que se passa com o filho”. Ora, se isso for verdade, experimente-se usar o mesmo argumento com o chefe para ficar menos tempo trabalhando. Ainda que se trabalhe, e se trabalhe muito para garantir o sustento da família, há que ser criativo e esforçado para estar com os filhos, com a qualidade e quantidade possíveis. Almoçar em família é uma opção a ser considerada. É um expediente interessante para melhorar a qualidade e a quantidade o tempo que se passa com os filhos. Enfim, quando há esforço, cada um sabe encontrar uma saída. Se hoje a informação, boa ou má, chega muito rápida aos filhos, os pais hão de ter a esperteza para estar muito próximo deles, seja para anular com o seu exemplo e a sua palavra o que de ruim chega até eles, seja para reconhecer e estimular o que aprendem de bom. E ademais, há muita coisa boa também na TV e na *internet* que só descobre quem está de verdade ocupado em formar filhos para que, ao crescerem, sejam responsáveis e felizes.

1.2.5. Cultura do prazer e das sensações

Prazer aqui e agora parece ser o que importa para o adolescente. Não queremos com isto isentar o adulto da responsabilidade. Mantemos a cultura do hedonismo e do consumismo, dos imperativos do gozo e da liberdade individual ilimitada. O comportamento sem barreiras nada mais é do que a expressão do mundo em que vivemos, no qual a adolescência é idealizada como o momento da transgressão permitida. A exposição ao perigo, o apelo de ir até o limite, um chamado para que os mais velhos deixem de ser ausentes e se mostrem como referência de caráter, seriedade no trabalho, de compromisso com o coletivo e de respeito pela vida. Na falta de um bom parâmetro, correr risco e se sair bem, de certa maneira, é um meio de se igualar aos adultos, de atingir a emancipação e o reconhecimento. Seria bobagem afirmar que o jovem não tem medo. Ele tem, sim, mas anda no fio da navalha porque a ousadia desperta um certo fascínio. Afinal, muitos ídolos do cinema, da música e dos esportes apostaram a própria vida para chegar aonde chegaram. O complicado é que, muitas vezes, os jovens elegem o trânsito para exibir performances heróicas. Há muitos jovens que sentem deuses quando estão no volante de uma moto ou de um carro.

São pessoas que se confundem com a máquina e sentem-se tão poderosas quanto a potência do carro, tão invulneráveis quanto a proteção que a lataria lhes confere, tão reis que fazem do habitáculo o seu palácio... Ai de quem chegar perto, e "merece morrer" quem encostar neles, que são ao mesmo tempo carro e pessoa.²⁵

Acidentes de trânsito matam jovens diariamente. No ano passado, em São Paulo, só nas madrugadas de sexta-feira morreram em média 214 pessoas de 18 a 29 anos por madrugada.²⁶ Ao longo dos sábados, o número subiu para 289 casos fatais. Ao sair para atender a uma emergência nas ruas paulistanas, o tenente Palumbo já sabe que cena encontrará. "O mais comum é um rapaz de classe média alta, bêbado ou drogado, levando uma garota na carona", diz. "Recentemente, perguntei ao motorista o telefone dos familiares da amiga, que estava mal e podia ficar tetraplégica. Ele não sabia nem o nome da moça, que acabara de conhecer na danceteria." Enzo Morrone, 20 anos, instrutor de pilotos do Autódromo de Interlagos, em São Paulo, relata que os homens adoram se exibir ao volante para se apresentar

²⁵ TIBA, 2005, p. 90.

²⁶ ZAIDAN, Patrícia; PAULINA, Araci. Onipotência: a síndrome que leva os jovens a arriscar a vida. **Revista Cláudia**. São Paulo, Ano 45, n. 12, p. 88-94, dez. 2006..

a uma desconhecida ou quando desejam provar que são poderosos. Ele não aprova os rachas, mas conta que seus amigos chegam a turbinar o motor dos veículos para realizar disputas em vias públicas. "A sensação de correr é deliciosa, indescritível, suplanta o medo de morrer. É como droga, vicia e você não pode mais viver sem. Mas fazer racha na rua é uma irresponsabilidade. Lugar de correr é no autódromo."²⁷ O sentimento de ser um deus sobre quatro rodas e de ser superior aos demais o faz colocar sua vida em sério risco quando está disposto a competir em "potência, velocidade e habilidade com qualquer outro 'piloto'".²⁸

Também no que se refere ao sexo, brincam com fogo. Um estudo da Universidade de Campinas (Unicamp) mostra que quase a totalidade das adolescentes que engravidam conhece perfeitamente as formas de prevenção, como camisinha e pílula. Das 156 meninas atendidas pelo ambulatório de pré-natal do hospital da universidade, apenas 1,9% ignorava a existência dos contraceptivos. Mas, na hora da transa, só o prazer interessa. Tanto que 21% das entrevistadas, de 15 a 19 anos, mesmo sabendo das dificuldades de se tornar mãe tão cedo, engravidaram pela segunda vez. Nem todos mergulham de cabeça nas atividades de alto risco e pleno gozo, mas ocorrências como as descritas anteriormente atestam que a adolescência é um período crítico, no qual os filhos vivem uma espécie de síndrome da onipotência: sentem que podem tanto quanto um super-herói e se lançam à ação sem medir conseqüências. Na expectativa deles, o pára-quedas se abrirá depois do salto.²⁹

Para a cultura do hedonismo, tudo deve ser agradável, *light*. Tudo deve ser cômico. Programas como *Casseta & planeta*, as vídeo-cassetadas e outros, em que se pode rir de outras pessoas, são atrações irresistíveis. Notícias de guerra causam diversão. Tudo pode e deve ser experimentado. Também a bebida, o fumo e o que mais o mercado puder oferecer. O risco não existe na cabeça deste nosso adolescente.³⁰ Existe uma certeza mágica de que nada de ruim acontecerá.

O presente e o momento são suficientes. O futuro não traz preocupação. A ordem é tirar o máximo proveito do momento e, quem sabe, da noite. Nada vale a

²⁷ ZAIDAN, PAULINA, 2006, p. 88-94.

²⁸ TIBA, 2005, p. 91.

²⁹ ZAIDAN, PAULINA, 2006, p. 88-94.

³⁰ Ver Diário de Campo. Um jovem faleceu no período da confecção deste trabalho vítima de acidente de trânsito com motocicleta. p.51-60.

pena se exigir mais tempo do que o agora. Aproveito o que me agrada, sirvo-me deste “mercado” que está aí pra mim.

1.3. O jovem e seu mundo interior

São influências externas sobre o jovem que o fazem agir, comportar-se de uma determinada maneira, optar, encaminhar sua vida desta ou aquela maneira. Não podemos ignorar estes fatores externos, cujo conjunto pode ser chamado de “mundo que cerca o jovem”. Sabemos bem que os fatores externos não são os únicos determinantes na vida de um adolescente, pois há também o que podemos chamar de “o mundo interior do jovem”, ou seja, as fases pelas quais passa o jovem em seu desenvolvimento pessoal. Elas também influenciam em decisões, maneiras de agir e reagir e fazem o jovem encaminhar sua vida de determinada maneira.

Já vimos no início deste trabalho o que é a adolescência e a situamos em determinado período de vida do ser humano. Precisamos destacar, porém, a importância desta época na vida de uma pessoa. É a época em que se decidem muitas das coisas que vão durar a vida inteira. A escolha do emprego é um exemplo disto. A escolha da companheira ou companheiro muitas vezes também acontece nesta época.

1.3.1. Mudanças no corpo

Tudo começa com uma “inundação hormonal, um terremoto corporal e uma confusão mental”.³¹ Na literatura pertinente se subdivide o período da vida chamado adolescência em três fases, quais sejam:

A puberdade, que abarca, principalmente, as mudanças biológicas e os processos biopsíquicos;
a adolescência, que se refere ao desenvolvimento da identidade do eu, à autonomia pessoal e aos aportes próprios com respeito à individuação assim como à inculturação;
e a idade jovem-adulta, que aperfeiçoa as tarefas da adolescência com respeito à identidade própria, escolha profissional e afetiva e à independência econômica, além da autonomia pessoal.³²

³¹ TIBA, 2005, p. 42.

³² DAUNIS, 2000, p. 53.

Ao abordar o tema da adolescência, o autor José O. Outeiral fala de três etapas que não têm início e fim definidos com precisão e onde algumas características se confundem e outras não.

1ª etapa: a adolescência inicial³³

Esta fase da adolescência tem o seu início em torno dos 10 anos de idade, estendendo-se até os 14 anos, aproximadamente. A principal caracterização deste período é a transformação corporal com as respectivas alterações psíquicas. Normalmente, nas meninas o amadurecimento ocorre mais cedo do que nos meninos. Esta fase é também denominada de adolescência puberal, por apresentar o início das mudanças da puberdade com todas as modificações físicas e psíquicas da adolescência. Nesta etapa da adolescência, uma característica é o isolamento e há uma mudança no jeito afetivo do adolescente ser: ele se torna explosivo, suscetível, mal-humorado e dorme muito. Ele se fecha em seu quarto ou até no banheiro por um vasto período. O adolescente torna-se monossilábico e a desobediência passa a ser a tônica principal. Além disso, tem início a desordem, a falta de asseio e a despreocupação de si mesmo.

2ª etapa: a adolescência média³⁴

A presente etapa vai dos 14 aos 16 ou 17 anos de idade, aproximadamente, e tem como característica principal tudo que está relacionado com a sexualidade. Relevante também, nesta etapa, é o surgimento da importância do aspecto grupal. O adolescente centra seu modelo no relacionamento que tem com o seu grupo de colegas e amigos.

3ª etapa: adolescência final

Esta fase da adolescência vai dos 16 ou 17 aos 20 anos de idade. Nesta etapa se estabelecem os novos vínculos com os pais e acontece a adaptação do novo corpo aos processos psíquicos do mundo adulto. Nela acontece também o

³³ OUTEIRAL, José O. **Adolescer**: estudos sobre adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p. 5.

³⁴ GRIFFA, Maria Cristina; MORENO, José Eduardo. **Chaves para a psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 23.

rompimento com o grupo e o adolescente busca uma maior independência, procurando inserir-se na sociedade em que vive.³⁵

Muito mais poderia ser dito a respeito destas “fases”. É importante destacar ainda as mudanças físicas no corpo do jovem. A puberdade tem um aspecto biológico e universal, caracterizada pelas modificações visíveis, como por exemplo, o crescimento de pêlos pubianos, auxiliares ou torácicos, o aumento da massa corporal, desenvolvimento das mamas, evolução do pênis, menstruação, etc. Estas mudanças físicas costumam caracterizar a fase chamada puberdade, causando embarços e problemas de auto-aceitação. Torna-se um desafio conviver com seu próprio corpo. Ocorre a descoberta da sexualidade. As dificuldades em controlar seus impulsos sexuais, em muitos casos acabam levando-os à prática da masturbação e às primeiras experiências de relações sexuais.³⁶

1.3.2. Outras mudanças

Além do crescimento e desenvolvimento corporais, há ainda outras mudanças significativas que poderiam ser aprofundadas aqui. Das muitas que se entrelaçam e se entrecruzam, compondo a vida de um adolescente, descrevo algumas manifestações importantes que não podem faltar quando falamos ou descrevemos um adolescente.

1.3.2.1. A turma

Os adolescentes procuram seu "grupo" e querem ser aceitos. Buscam a identificação com a “turma” através dos costumes, maneiras de se vestir, linguagem e formas de diversão.³⁷ Muitas horas são gastas ao telefone com os amigos. É o meio que encontram para estarem em contato com o mundo lá fora e sentirem-se queridos. Muitas coisas que um adolescente se recusa a fazer em casa, faz com a maior naturalidade e facilidade na turma, para ser aceito por ela. “O grupo exerce pressão muito forte, porque o adolescente se identifica com ele e com a maioria dos seus membros.”³⁸ Usar roupa parecida, quase um “uniforme”, é natural e bem visto

³⁵ OUTEIRAL, 1993, p. 5.

³⁶ MAINIERI, Alberto Scofano. **Sexo, será que você sabe tudo?** 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 10-24.

³⁷ Diário de Campo que faz parte deste trabalho. p. 51-60..

³⁸ LACERDA; LACERDA, 1998, p. 49.

no grupo. Há muitas regras a serem seguidas, mas isso é algo que se faz de bom grado, ao contrário das regras familiares ou sociais contestadas pela maioria dos adolescentes.

Os costumes aprendidos no grupo, o tipo de roupa, de lazer ou de esporte ali assumidos, podem parecer totalmente sem sentido para os pais e mestres, mas para os adolescentes significam o passaporte que lhes dá direito e sentir-se integrados e seguros. Ou ainda, o distintivo que os torna uma individualidade diante do mundo, especialmente diante da família.³⁹

A participação nos grupos é indispensável para o desenvolvimento pessoal do adolescente. O grupo ajuda na elaboração da identidade pessoal.⁴⁰ “O grupo constitui assim a transição necessária no mundo externo para alcançar a individualização adulta.”⁴¹ Esta função do grupo de iguais pode ser distorcida quando há uma aliança forte demais com um grupo muito fechado. Em vez de o jovem desenvolver uma identidade própria, a formação de um “gueto” separado da realidade social mais abrangente e o fácil entendimento entre os iguais, o faz retornar para a fase infantil. “O temor de não ser aceito ou valorizado pela maioria do grupo pode levar o adolescente à pronta obediência de todas as normas e costumes do que faz esta maioria. O resultado consiste numa troca de dependências.”⁴² O adolescente, porém, durante toda esta etapa “continua tendo uma enorme demanda de afeto e de carinho por parte dos pais, em um grau não inferior ao da infância.”⁴³ Os pais continuam tendo influência nas decisões importantes em relação, principalmente, ao futuro da vida do jovem.

1.3.2.2. Busca de si e da identidade pessoal

Na busca da identidade podem surgir perguntas básicas sobre a vida:

- Quem sou eu?
- Que atitudes devo escolher?
- Que autoridades devo respeitar?

³⁹ LACERDA; LACERDA, 1998, p. 50.

⁴⁰ DAUNIS, 2000, p. 130.

⁴¹ ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. 10. ed. BALLVE, Suzana Maria Garagoray (trad.), Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. 37.

⁴² DAUNIS, 2000, p. 130.

⁴³ FIERRO, Alfredo. Relações sociais na adolescência. In: COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 301.

- Qual será meu estilo de vida?

Infelizmente, muitos adolescentes não encontram oportunidade e ambiente favoráveis para responder aos seus questionamentos. Assim, tornam-se mais tarde adultos imaturos, pois na adolescência não amadureceram suas atitudes infantis.

O período da adolescência é marcado por diversos fatores, mas, sem dúvida, o mais importante é a tomada de consciência de um novo espaço no mundo, a entrada em uma nova realidade que produz confusão de conceitos e perda de certas referências. O encontro dos iguais no mundo dos diferentes é o que caracteriza a formação dos grupos de adolescentes, que se tornarão lugar de livre expressão e de reestruturação da personalidade, ainda que esta fique por algum tempo sendo coletiva.

A tarefa central da adolescência é começar “a achar uma identidade própria no sentido de ‘agora eu sou este’ [...], alguém diferente dos outros”.⁴⁴

O jovem deve alcançar sua identidade, que se expressa como um comportamento próprio e consistente, a fim de permitir que os demais possam prever em parte as suas ações e obter autonomia suficiente para agir sem necessidade de recorrer à autoridade e ao apoio afetivo de seus pais. É pessoa, é um indivíduo e precisa ser reconhecido como tal. Não quer e nem deve ser considerado filho ou filha de alguém.⁴⁵

A tarefa não é simplesmente ser alguém ou uma pessoa adulta, e sim, tornar-se ele mesmo, percebendo-se e expressando quem ele é, como age, como pensa, como decide, como e por quê. Isto significa algo diferente de imitação ou pura e simples reprodução de papéis de outros.

A identidade surge diante de uma crise que acontece nesta idade e processo. A essa crise, provocada pela ampla e profunda desestruturação em todos os níveis da personalidade, segue-se um processo de reestruturação, passando por modificações nas formas de exprimir-se ao longo dos anos. O eixo central dessa reestruturação é o processo de elaboração dos lutos gerados pelas três perdas fundamentais desse período evolutivo:

⁴⁴ DAUNIS, 2000, p. 56.

⁴⁵ GRIFFA; MORENO, 1998, p. 30.

1ª - perda do corpo infantil

Nessa fase, o adolescente vive com muita ansiedade as transformações corporais ocorridas a partir da puberdade, as quais exigem dele uma reformulação de seus mundos interno e externo. Muitas vezes, as restrições familiares e sociais para controlar esses impulsos ameaçam tanto o seu desenvolvimento que chega a causar retardo em seu crescimento e no aparecimento natural das funções sexuais próprias dessa fase.

2ª - perda dos pais da infância

Os pais, antes idealizados e supervalorizados, passam a ser alvo de críticas e questionamentos. Isso leva o adolescente a buscar figuras de identificação fora do âmbito familiar. Nesta fase, se caracteriza a dependência/independência dos filhos em relação aos pais e vice-versa; é o momento em que o adolescente busca substituir muitos aspectos da sua identidade familiar por outra mais individual.

3ª - perda da identidade e do papel sócio-familiar infantil

Da relação de dependência natural do convívio da criança com os pais, segue-se uma confusão de papéis, pois o adolescente, não sendo mais criança e não sendo ainda um adulto, tem dificuldades em se definir nas diversas situações de sua cultura. No caminho para a sua independência, sentindo-se ora inseguro, ora temeroso, busca o apoio do grupo, que tem importante função, pois facilita o distanciamento em relação aos pais e permite novas identificações. Para atingir a fase adulta, o adolescente deverá fazer uma síntese de todas essas identificações desde a infância. Essas perdas se elaboram através de verdadeiros processos de luto. O psicopata, tendo falhado na elaboração e superação desses lutos, não consegue chegar a uma verdadeira identidade. A superação leva o jovem à “conquista da identidade e a independência leva-o a integrar-se no mundo adulto e a agir com uma ideologia coerente com seus atos”.⁴⁶

Segundo Fierro,

é na adolescência que o ser humano começa a ter propriamente história, memória biográfica, interpretação das experiências passadas

⁴⁶ ABERASTURY; KNOBEL, 1992, p. 71.

e seu aproveitamento para enfrentar os desafios do presente e as perspectivas do futuro. Há o início de um tecer de um relato pessoal. E este relato constitui o discurso fundamentador de nossa identidade pessoal.⁴⁷

Existem identidades transitórias que podem ser adotadas. São aquelas adotadas por um certo período de tempo e que normalmente tendem a confundir as pessoas que convivem com este jovem. Estas podem ser de adolescente bebê ou de adolescente muito sério ou muito adulto. As identidades ocasionais também podem surgir. Normalmente surgem diante de situações novas, como o primeiro baile, o primeiro encontro, etc.⁴⁸

Essa busca do “eu” nos outros, na tentativa de obter uma identidade para o seu ego, é o que o psicanalista Erik Erikson chamou de “crise de identidade”, que acarreta angústias, passividade ou revolta, dificuldades de relacionamento inter e intrapessoal, além de conflitos de valores. Para Erikson, o senso de identidade é desenvolvido durante todo o ciclo vital, no qual cada indivíduo passa por uma série de períodos desenvolvimentais distintos, havendo tarefas específicas para se enfrentar. A tarefa central de cada período é o desenvolvimento de uma qualidade específica do ego. Para esse autor, dos 13 aos 18 anos a qualidade do ego a ser desenvolvida é a identidade, sendo a principal tarefa adaptar o sentido do eu às mudanças físicas da puberdade, além de desenvolver uma identidade sexual madura, buscar novos valores e fazer uma escolha ocupacional.

Segundo Erikson,

em termos psicológicos, a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como se percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele.⁴⁹

Portanto, a construção da identidade é pessoal e social, acontecendo de forma interativa, através de trocas entre o indivíduo e o meio em que está inserido. Esse autor enfatiza, ainda, que a identidade não deve ser vista como algo estático e

⁴⁷ FIERRO, 1995, p. 292.

⁴⁸ ABERASTURY; KNOBEL, 1992, p. 33.

⁴⁹ ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro; Zahar, 1976. p. 21.

imutável, como se fosse uma armadura para a personalidade, mas como algo em constante desenvolvimento.

Como vimos, entre os aspectos importantes no desenvolvimento da identidade está o controle vital, ou seja, as fases ou períodos da vida que o indivíduo atravessa até chegar à idade adulta, que são marcados por crises apresentadas como situações a serem resolvidas. Como afirma Erikson:

Entre as indispensáveis coordenadas da identidade está o ciclo vital, pois partimos do princípio de que só com a adolescência o indivíduo desenvolve os requisitos preliminares de crescimento fisiológico, amadurecimento mental e responsabilidade social para atravessar a crise de identidade. De fato, podemos falar da crise de identidade como o aspecto psicossocial do processo adolescente.⁵⁰

Desta forma, o grande conflito a ser solucionado na adolescência é a chamada crise de identidade e essa fase só estará terminada quando a identidade tiver encontrado uma forma que determinará, decisivamente, a vida ulterior.

É importante entender que o termo “crise”, adotado por Erikson, não é sinônimo de catástrofe ou desajustamento, mas de mudança, caracterizando um momento crucial no desenvolvimento, em que há a necessidade de se optar por uma ou outra direção, mobilizando recursos que levam ao crescimento. É no período da adolescência que o indivíduo questionará as construções dos períodos anteriores, próprios da infância. Assim, o jovem assediado por transformações fisiológicas próprias da puberdade precisa rever suas posições infantis frente à incerteza dos papéis adultos que se apresentam a ele. A crise de identidade é marcada, também, por uma confusão de identidade, que desencadeará um processo de identificações com pessoas, grupos e ideologias que se tornarão uma espécie de identidade provisória ou coletiva, no caso dos grupos, até que a crise em questão seja resolvida e uma identidade autônoma seja construída.

É exatamente essa crise e conseqüente confusão de identidade que fará com que o adolescente parta em busca de identificações, encontrando outros “iguais” e formando seus grupos. A necessidade de dividir suas angústias e padronizar suas atitudes e idéias faz do grupo um lugar privilegiado, pois nele há uma uniformidade de comportamentos, pensamentos e hábitos, que já foi desenvolvido e descrito no trabalho anteriormente.

⁵⁰ ERIKSON, 1976, p. 90.

Com o tempo, algumas atitudes são internalizadas, outras não, algumas são construídas e o adolescente, paulatinamente, percebe-se portador de uma identidade que, sem dúvida, foi social e pessoalmente construída.

Daunis pode nos ajudar na compreensão de identidade:

Identidade. Aceitar-se, aceitar a própria imagem corporal e a personalidade, aceitar o próprio gênero, as próprias forças e limites; incentivar vigor sem violência; esclarecer o lugar no grupo de iguais; acostumar-se a dizer o que pensa; usar as habilidades como dom da natureza (de Deus); agradecer; 'agora sou o responsável' (antes eram os pais); a necessidade e a dificuldade de decidir e decidir-se; regras na família, no grupo de iguais; o que os pais deram e ainda dão; o que eu quero fazer, recusar, por que...⁵¹

Erikson, citado por Aberastury e Knobel, fala de uma "moratória psicosexual", pela qual a sociedade concede ao adolescente a necessidade de exploração, dando-lhe a possibilidade de experimentar e de se adaptar a vários papéis sociais sem assumir nenhum compromisso numa direção concreta.⁵² Um dos aspectos decisivos para a futura vida de adulto é, segundo este autor, a passagem do adolescente por um período de alheamento aparente, mas que é, na realidade, um período de procura e especulação. Este é um período profundamente criativo, o jovem pesa a sua vida tendo em vista o futuro, revê e re-experimenta mentalmente os vários papéis sociais que até aí desempenhou, tentando ajustar-se àqueles que melhor se adaptam aos seus sonhos e aos seus projetos. Alguns adolescentes têm um período de "moratória" muito curto, e cedo realizam escolhas, partindo logo para o investimento e compromisso, e, portanto, com reduzida exploração. Outros, pelo contrário, passam por inúmeras experiências, e só muito mais tarde assumem compromissos mais sérios. Existe uma grande variedade de dimensões a explorar e mudanças a efetuar, pelo que o nível de exploração pode ser diferente em cada área da sua identidade, ou seja, se numa dessas áreas o adolescente está em exploração ativa, noutra pode já ter realizado uma escolha, e ainda noutra pode nem sequer ter começado a experimentar coisas diferentes. Pode-se falar de moratória profissional durante os anos de estudo, quando o adolescente antevê a sua futura vida profissional, de moratória sexual-afetiva nos anos de namoro ou de paixões breves, quando antevê o futuro de pessoa casada ou possíveis relações amorosas que possa vir a ter. Sem a moratória o jovem jamais se tornaria adulto; a fase de

⁵¹ DAUNIS, 2000, p. 59.

⁵² ABERASTURY; KNOBEL, 1992, p. 32.

preparação da idade adulta exige toda essa antevisão do futuro, sem a qual o adolescente não poderia saber que espécie de pessoa quereria ser. A pressão exagerada por parte dos pais e da sociedade para a tomada das decisões pode ser muito prejudicial para o futuro deste jovem. Por outro lado, adiar demais as decisões necessárias também pode provocar bloqueios e o aumento da população dos “jovens-adultos” que pretendem ficar por anos nestas moratórias.⁵³

1.3.2.3. As paixões e os amores

A adolescência é um período em que despertam as paixões e os amores. Sonhar acordado é muito comum, principalmente quando ocorrem as "paixonites" pelo sexo oposto. Os rompimentos amorosos são muito penosos, deixando os adolescentes depressivos. Os pais muitas vezes podem tentar impedir um adolescente de namorar; mas evitar que se apaixone é impossível. Os sentimentos são inconstantes e volúveis. Um dia ele acorda amando, no dia seguinte poderá esquecer completamente seu amor não correspondido. E se algo mais interessante aparecer à sua frente é capaz de apaixonar-se rapidinho por outra pessoa. Esta instabilidade faz parte do seu processo de ajuste social. O equilíbrio desejado chegará aos poucos.

1.3.2.4. A busca da liberdade

Ocorre na adolescência o espírito de independência em relação aos pais e seus valores. A família passa para o segundo plano. Os adolescentes não querem mais acompanhar os pais em viagens de férias, festas e passeios. A comunicação em casa pode se reduzir ao mínimo, provocando um certo distanciamento. Querem ser e agir como se fossem adultos. Buscam explicações racionais para tudo. Paradoxalmente, revelam uma falta de segurança afetiva, como crianças, que precisam sentir-se queridas e protegidas.

⁵³ DAUNIS, 2000, p. 122.

1.4. Considerações finais

Este primeiro capítulo quer ser entendido de certa forma como uma fotografia. São características observadas que se manifestam de uma maneira mais intensa ou sublime no jovem deste grupo observado. Sabemos que são características que provavelmente serão parecidas com jovens de outras localidades do Brasil ou mesmo do mundo inteiro. Na literatura ainda há muito mais coisas que poderiam estar aqui colocadas. Porém numa análise bem particular notou-se que algumas destas características ou ainda não se manifestaram, quem sabe não recebendo incentivo na realidade deste grupo, ou se manifestam de maneira quase imperceptível.

2. O JOVEM E A FÉ EM DEUS

Todo este quadro social e as mudanças no próprio jovem influenciam a maneira como o jovem lida com sua fé e religião. O que é bom é o que não demora, não compromete, não exige demais da pessoa. Porém é preciso reconhecer que o ser humano não tem o mesmo pensamento sobre Deus, fé e religião durante toda sua vida. O jovem tem uma mudança também em relação à fé. O que novamente se ouve costumeiramente é que os jovens já não têm mais fé, pois não vão mais aos cultos, não participam da vida da Comunidade. Por que o jovem adota determinadas atitudes em relação à sua religião? Há algumas coisas que precisamos saber.

2.1. Estágios da fé. O desenvolvimento⁵⁴ da fé segundo James Fowler

A pesquisa de Fowler tem suas raízes em Jean Piaget, que estudou o cognitivo. E tem raízes também no trabalho de Lawrence Kohlberg, que estendeu o trabalho de Piaget para a área de desenvolvimento moral, bem como no trabalho de Erik Erikson, que estudou as idades e os estágios de vida, fundamentando-se nos psicólogos do desenvolvimento. Para conseguirmos analisar detalhadamente o que Fowler quer nos mostrar, é indicado olharmos também para as teorias de Erikson.

2.1.1. As oito idades⁵⁵ do ser humano- Erikson

Segundo Erik Erikson, psiquiatra que desenvolveu a teoria da personalidade e seus "Oito Estágios de Desenvolvimento", também chamada de Teoria Psicossocial

⁵⁴ Mesmo entendendo estas "fases" como um posicionamento perante a fé, onde não existe melhor ou pior, não vou defender este meu ponto de vista cada vez que cito Erikson. Vou me ater ao que ele expõe.

⁵⁵ Apresentamos as oito idades de Erikson porque o trabalho será apresentado e servirá como base de trabalho para toda a comunidade. Também porque não interpretamos estas idades ou estágios como um avanço ou simples melhoramento. Estas fases não servem para "medir" a fé da pessoa. É apenas a manifestação do momento da vivência da fé e do desenvolvimento como pessoa.

do Desenvolvimento, o desenvolvimento e a socialização da criança podem ser divididos em oito fases distintas. Estas fases distintas foram formuladas a partir do trabalho psicoterapêutico de Erikson com crianças e adolescentes de todas as camadas sociais.

Os primeiros quatro estágios decorrem no período de bebê e da infância, e os últimos três durante a idade adulta e a velhice.

Erikson dá especial importância ao período da adolescência, por ser a transição entre a infância e a idade adulta, em que se verificam acontecimentos relevantes para a personalidade adulta.

Cada estágio contribui para a formação da personalidade total (princípio epigenético), sendo por isso todos importantes mesmo depois de terem sido deixados para trás. Como cada criança tem um ritmo cronológico específico, não se deve atribuir uma duração exata a cada estágio. O núcleo de cada estágio é uma crise básica, que existe não só durante aquele estágio específico, embora seja mais proeminente neste, mas também nos posteriores a nível de conseqüências, tendo raízes prévias nos anteriores. Cada fase é responsável por um "conflito sócio-emocional" do indivíduo, exigindo uma superação dessa crise para que se chegue ao estágio seguinte. Pode-se comparar o desenvolvimento emocional e social da criança à construção de uma casa: a fundação da casa precisa ser firme para que o primeiro andar se sustente, e assim por diante até o último andar. Da mesma forma, cada fase do desenvolvimento da criança é importante para que a próxima fase possa ser superada sem problemas.

Mesmo que a delimitação não deva ser encarada como cem por cento exata, Erikson sugere delimitações cronológicas para as "oito idades do homem". "1ª idade: 0–1 ano; 2ª idade: 2–3 anos; 3ª idade: 4–5 anos; 4ª idade: 6-12 anos; 5ª idade: 13–18 anos; 6ª idade: 19–25 anos; 7ª idade: 26–40 anos; 8ª idade: 41–mais." ⁵⁶

Em cada idade há períodos críticos do desenvolvimento.

A primeira idade estabelece o conflito da confiança básica *versus* a desconfiança básica. Nesta idade a criança vai aprender o que é ter ou não confiança. Esta fase tem a ver basicamente com a relação entre o bebê e a mãe. A confiança básica é demonstrada pelo bebê na capacidade de dormir de forma pacífica, alimentar-se confortavelmente e de excretar de forma relaxada. Devido à

⁵⁶ MIRANDA, Ana Maria Vieira de. **Fé enquanto busca do sentido da vida na adolescência:** perspectiva psicológica. São Bernardo do Campo, Julho de 2003. p. 56-115 (Teses e Dissertações).

confiança do bebê e à familiaridade com a mãe, que adquire com situações de conforto por ela proporcionadas, atinge uma realização social, que consiste na aceitação em que ela pode ausentar-se e na certeza que ela voltará. O bebê ganha experiência no contato com os adultos, aprendendo a confiar e a depender deles, assim como a confiar em si mesmo. A desconfiança básica é a parte negativa deste estágio, que é equilibrada com a segurança proporcionada pela confiança. É importante nesta idade, como também nas demais, que o pólo positivo prevaleça.

A segunda idade estabelece o conflito “autonomia *versus* vergonha e dúvida”.⁵⁷ Durante este estágio a criança vai aprender quais são os seus privilégios, suas obrigações e limitações. Ela tem necessidade de autocontrole e de aceitação do controle por parte das outras pessoas, desenvolvendo-se um senso de autonomia. O lado negativo deste estágio é a vergonha e a dúvida quando perde o senso de autocontrole; os pais contribuem neste processo ao usarem a vergonha na repressão da teimosia. A vontade tem origem na própria vontade treinada e no exemplo dado de vontade superior apresentado pelos outros; esta é responsável pela aceitação progressiva do que é permitido e necessário. Os elementos da vontade são progressivamente aumentados pelas experiências ao nível da consciência, manipulação, verbalização e locomoção. A ritualização deste estágio é judiciosa, a criança julga a si e aos outros, diferenciando o certo do errado e as pessoas ditas diferentes, formando-se a base ontogenética da alienação humana, a espécie dividida, que Erikson designou como pseudo-espécie, a origem do preconceito humano. O ritualismo perverso é o legalismo, em que a punição vence a compaixão.

A terceira idade do ser humano estabelece o “conflito nuclear ‘Iniciativa *versus* Culpa’”.⁵⁸ O terceiro estágio estipulado por Erikson, que equivale ao estágio psicosexual genital-locomotor, é o da iniciativa, uma fase de crescente destreza e responsabilidade. Nesta fase a criança encontra-se nitidamente mais avançada e mais organizada tanto a nível físico como mental. É a capacidade de planejar as suas tarefas e metas a atingir que a define como autônoma e em consequência a introduz nesta etapa. No entanto, este estágio define-se também como perigoso, pois a criança busca exaustivamente e de uma forma entusiasta atingir as suas metas que implicam fantasias genitais e o uso de meios agressivos a manipulativos

⁵⁷ MIRANDA, 2003, p. 60.

⁵⁸ MIRANDA, 2003, p. 66.

para alcançar essas metas. Ela se encontra num estado de ansiedade porque quer aprender bem e a partir daqui amplia o seu sentido de obrigação e desempenho. A sua principal atividade é o brincar e o propósito é a virtude que surge neste estágio de desenvolvimento. Este chamado propósito define-se como o resultado do seu brincar, das suas tentativas e dos seus fracassos. Para além dos jogos físicos com os seus brinquedos, ela constrói também os chamados jogos mentais tentando imitar os adultos e entrando no mundo do faz de conta. O objetivo deste jogo é tentar perceber até que ponto ela pode ser como eles. O poder da imaginação e a forma desinibida como o faz é de suma importância para o desenvolvimento da criança. Esta terceira idade, também apelidada de idade de brincar, é assinalada pela ritualização dramática.

A quarta idade do ser humano estabelece o conflito entre a “Produtividade e a Inferioridade”.⁵⁹ Nesta fase, a criança necessita controlar a sua imaginação exuberante e dedicar a sua atenção à educação formal. Ela não só desenvolve um senso de aplicação, como aprende também as recompensas da perseverança e da diligência. O prazer de brincar, o interesse pelos seus brinquedos são gradualmente desviados para interesses por algo mais produtivo utilizando outro tipo de instrumentos para os seus trabalhos que não são os seus brinquedos. Também neste estágio existe um perigo iminente que se caracteriza pelo sentimento de inferioridade por ocasião da sua incapacidade de dominância das tarefas que lhe são propostas pelos pais ou pelo professor. Ao longo deste estágio da diligência desponta a virtude da competência, isto porque os estágios anteriores proporcionaram uma visão, embora não muito nítida, mas futura em relação a algumas tarefas. Nesta fase, ela se sente pronta para conhecer e utilizar os instrumentos e máquinas e métodos para desempenhar o trabalho adulto, trabalho esse que implica responsabilidades como ir à escola, fazer as tarefas de casa, aprender habilidades, de modo a evitar sentimentos de inferioridade.

A quinta idade do ser humano, que é a primeira da fase da adolescência, estabelece como conflito a “Identidade e a Confusão de Papéis”.⁶⁰ Sobre esta fase é importante destacar, em relação ao jovem, que “para organizar um sentido de identidade, este deve ser capaz de realizar uma avaliação pessoal do que foi, do

⁵⁹ MIRANDA, 2003, p. 66.

⁶⁰ MIRANDA, 2003, p. 67.

que é e do que poderá vir a ser, determinando em que medida é como todos os outros ou como algumas pessoas, e como é diferente de todas.”⁶¹

Não se pode encarar os diferentes estágios como estanques e isolados, logo as fases anteriores irão deixar marcas que influenciarão a forma como se vivencia a crise seguinte, desembocando em uma perspectiva histórica, na qual o adolescente perceberá e integrará elementos identitários adquiridos nas idades anteriores. Exemplo deste parágrafo é a identidade, que se forma numa continuidade e une as diferentes transformações num processo cumulativo de desenvolvimento. Neste estágio, os indivíduos estão recheados de novas potencialidades cognitivas, exploram e ensaiam estatutos e papéis sociais, pelo fato de a sociedade fornecer este espaço de experimentação ao adolescente. É neste âmbito que ressalta um dos conceitos eriksonianos que ajuda a conferir tanta relevância a este estágio, ou seja, a moratória psicossocial. Sendo assim, o adolescente antecipa o seu futuro, explora alternativas, experimenta, dá um tempo. As necessidades pessoais, as exigências socioculturais e institucionais caracterizam a moratória.

Um grande número de adolescentes têm uma evolução incompleta por terem entrado excessivamente rápido na vida adulta, sem um amadurecimento interior, que só poderia ter sido facultado por uma boa vivência neste estágio e nos seus diferentes aspectos.

Embora a construção da identidade se realize ao longo do ciclo da vida, ela constitui uma tarefa específica desta idade. A identidade dá um sentido histórico à existência, a qual se constrói tendo por base as representações feitas sobre nós, bem como as interações e os confrontos entre as representações que os outros fazem de nós e as que nós fazemos de nós próprios. O ego neste estágio tem a peculiaridade de apurar e inteirar talentos, aptidões e habilidades na identificação com pessoas semelhantes a nós e na acomodação ao ambiente social. A chave para a resolução da crise de identidade que pode fazer com que o adolescente se sinta isolado, vazio, ansioso e indeciso, reside assim, na interação com pessoas significativas, que são escolhidas e são parte integrante da construção da sua identidade adulta.

Os problemas no desenvolvimento da identidade podem culminar numa identidade difusa, incoerente, desarticulada e incompleta, ou numa identidade

⁶¹ MIRANDA, 2003, p. 68.

negativa, em que o adolescente seleciona identidades que são indesejáveis para a família e sua comunidade.

O lado negativo menciona os aspectos, sentimentos relacionados à confusão/difusão de quem ainda não descobriu a si próprio, e não sabe o que pretende, tendo dificuldade em optar.

Nesta idade emerge um conjunto particular de valores a que Fowler, citando Erikson, denominou de fidelidade. Esta fidelidade pode ser definida como a capacidade de manter lealdades livremente empenhadas, apesar das inevitáveis contradições dos sistemas de valor. Só com um firme sentido de identidade é que acaba o período da adolescência.

A sexta idade do ser humano estabelece o conflito entre “Intimidade e Isolamento”.⁶² Aqui há a preparação do jovem para a vida ocupacional e a vida conjugal. Nesta fase o jovem almeja estabelecer relações de intimidade com os outros e adquirir a capacidade necessária para o amor íntimo. Este estágio caracteriza-se pelo fato de, pela primeira vez, o indivíduo poder desfrutar de uma genitalidade sexual verdadeira, mutuamente com o alvo do seu amor. É então a idade de jovem adulto que, com uma identidade assumida, possibilita o estabelecer de relações de intimidade com os outros, em que o amor é a virtude dominante do universo, pois apesar de estar presente nos estágios anteriores, neste ganha nova textura. A força do ego depende do parceiro com que está preparado para compartilhar situações tão peculiares como a criação de um filho, por exemplo. Os indivíduos encaram a tarefa desenvolvimental de construir relações com os outros numa comunicação profunda expressa no amor e nas relações de amizade.

A vertente negativa traduz-se no isolamento de quem não consegue partilhar afetos com intimidade nas relações privilegiadas.

A sétima idade do ser humano estabelece o conflito entre a “Generatividade e a Estagnação”.⁶³ “Este período define o homem como aquele que ensina e, caracteriza-se pela capacidade de produzir: gerar vida e através dela o trabalho humano de elaboração da cultura.”⁶⁴ É um dos mais extensos estágios psicossociais e resume-se no conflito entre educar, cuidar do futuro, criar e preocupar-se exclusivamente com os seus interesses e necessidades. Usualmente cobre a fase

⁶² MIRANDA, 2003, p. 71.

⁶³ MIRANDA, 2003, p. 72.

⁶⁴ MIRANDA, 2003, p. 73.

que vai dos 30 aos 60 anos de idade, não havendo porém uma idade comum a todas as pessoas. A questão-chave na 7ª idade pode ser formulada de várias formas: Serei bem sucedido na minha vida afetiva e profissional? Produzirei algo com verdadeiro valor? Conseguirei contribuir para melhorar a vida dos outros? A generatividade denota a possibilidade de ser criativo e produtivo em diversas áreas da vida. Bem mais do que educar e criar os filhos, representa uma preocupação com o contentamento das gerações seguintes. Um empenho em converter o mundo num lugar melhor para viver. A generatividade representa o desejo de realizar algo que nos sobreviva.

Quando se dá o fracasso na expansão da generatividade, o indivíduo pode estagnar. Com isto ele se preocupa quase unicamente com o seu bem-estar e a posse de bens materiais. Vira um egocêntrico. O egocêntrico fecha-se nas suas ambições e pouco ou nada dá de si aos outros.

As virtudes próprias deste estágio são o cuidado, a inquietação com os outros e o querer fazer algo por alguém.

A última etapa da maturidade é chamada de “idade da sabedoria”. O conflito é a “Integridade do ego *versus* Desesperança”.⁶⁵ Ou a pessoa se dá por satisfeita por tudo aquilo que conseguiu e pelo que ainda lhe resta ou desespera dando-se conta que é tarde demais para começar tudo de novo. Se a avaliação da existência for negativa, se sentirmos que não aproveitamos bem o nosso tempo e não concebemos quase nada, existe o desejo de retroceder, de reaver as oportunidades perdidas, de reformular opções e escolhas. Ao conjeturar que é demasiado tarde, pode instalar-se o desgosto, a angústia, o pânico frente à morte. Esta etapa cria novos desafios com o avançar da idade. As forças tendem a desaparecer, a realidade da morte chega mais perto. A sabedoria é a virtude resultante da última fase da vida, ou seja, a percepção de que não vivemos em vão.

2.1.2. Religião, crença e fé

Fowler estabelece algumas diferenciações conceituais entre fé, religião e crença, que desejo destacar neste momento.

A religião pode ser entendida como uma “tradição cumulativa”: textos, escrituras, leis, narrativas, mitos, profecias, relatos de revelações, símbolos visuais,

⁶⁵ MIRANDA, 2003, p. 73.

tradições orais, música, dança, ensinamentos éticos, teologias, credos, ritos, liturgias, arquitetura.⁶⁶

A crença é descrita e definida por Fowler da seguinte maneira:

No período moderno, passou a significar o assentimento intelectual a asserções proposicionais que codificam as doutrinas ou as reivindicações ideológicas de uma determinada tradição ou grupo. Embora a crença possa ser um aspecto da fé de uma pessoa ou grupo, ela é somente uma parte.⁶⁷

Já a fé é mais profunda e pessoal. É a forma como a pessoa ou o grupo responde ao valor transcendente. É um traço comum dos seres humanos. A fé é "considerada como fundamental para as relações sociais, a identidade pessoal e a formação de sentidos pessoais e culturais".⁶⁸

2.1.3. Os estágios

Fowler construiu uma sólida e bem articulada teoria do desenvolvimento da fé, mais precisamente, da fé humana, não necessariamente religiosa. São sete estágios (ou seis com um pré-estágio), cuja seqüência, ao longo da vida, vai sendo, cada vez mais, comprovada e aceita como comum a todos os membros da família humana, sejam quais forem suas peculiaridades étnicas e culturais.

Os estágios da fé relacionados desenvolvimentalmente são assim identificados: estágio 1: fé intuitivo-projetiva; estágio 2: fé mítico-literal; estágio 3: fé sintético-convencional; estágio 4: fé individual-reflexiva; estágio 5: fé conjuntiva; e estágio 6: fé universalizante.⁶⁹

2.1.3.1. Primeira vivência da fé (fé indiferenciada)

Esta primeira parte é considerada por alguns autores como um pré-estágio. A dependência do bebê humano é muito maior do que no caso de outros mamíferos. É necessário que o bebê se sinta querido e bem recebido em seu ambiente. Fowler acredita que as pré-imagens de Deus estão inseridas neste primeiro estágio (a criança não diferencia a si mesma dos outros). Trata-se de pré-imagens do fundamento do ser e da confiança. As pesquisas neste campo ainda são muito

⁶⁶ FOWLER, James W. Estágios da fé: um quadro de referência para o engajamento teológico-prático. In: SCARLATELLI, Cleide C. da Silva; STRECK, Danilo R.; FOLLMANN, José Ivo (Org.). **Religião, cultura e educação**. São Leopoldo: Unisinos, 2006. p. 110.

⁶⁷ FOWLER, 2006, p. 110.

⁶⁸ FOWLER, 2006, p. 109.

⁶⁹ MIRANDA, 2003, p. 101.

restritas. A confiança na vida e no mundo pode estar ausente por causa de um relacionamento inadequado com provedores (pais, responsáveis) e uma assistência igualmente inadequada. O relacionamento de mãe e filho possibilitará ou dificultará a emergência da fé. Os provedores representam a dependência e uma relação com "alguém poderoso". É esse "alguém poderoso" que contribui para os conceitos de Deus nos próximos estágios. Para Erikson, a confiança da criança em alguém que se considera com "poder" para cuidar dela é que a levará a elaborar sua conceituação de Deus. Portanto, o estabelecimento de relacionamentos saudáveis é imprescindível no início da vida. "Quando a proporção entre confiança e desconfiança é favorável, surge aquela virtude ou força do ego que chamamos de esperança."⁷⁰

2.1.3.2. Fé intuitivo-projetiva

A idade desta fase vai dos dois aos seis ou sete anos e registra o surgimento da imaginação, a formação de imagens em e de um ambiente último. É a 'primeira autoconsciência' .⁷¹

Acontece neste estágio o fenômeno da imitação e dos "porquês". As novidades encontradas pelas crianças ainda não têm categorias e nem mesmo estruturas desenvolvidas previamente. As conversas entre as crianças parecem mais monólogos em forma de diálogo. Cada criança fala para si mesma. Não sabe comparar diferenças. Deus mora no céu, mas é encontrado em imagens antropomórficas (em forma de ser humano). A percepção de Deus está centrada em símbolos e imagens concretas (por exemplo: desenho de histórias bíblicas). Mistura-se a realidade com a fantasia. Do início até a metade do presente estágio, as histórias contadas para as crianças abrem um grande cenário para a formação de imagens sempre associadas a um final feliz. Na outra metade do estágio pode-se detectar o medo da morte e a percepção dos limites da vida. Os "nãos", os tabus e as proibições são projetados geralmente para a sexualidade e a religião. A criança percebe Deus da seguinte maneira: mora no céu, pode ser visto num cartão, é descrito como homem, fala por sinais, é conhecido pela TV, e está presente em todo o mundo. Nos espaços de aprendizagem, é necessário criar um ambiente em que a

⁷⁰ FOWLER, James W. **Estágios da Fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 55.

⁷¹ MIRANDA, 2003, p. 103.

criança expresse livremente as imagens que está formando, por exemplo, mediante o uso das parábolas. É muito saudável incentivar o uso da imaginação da criança evitando a imagem de um Deus que traga terror e destruição.

O principal fator que precipita a transição para o próximo estágio é o surgimento do pensamento operacional concreto. [...] No cerne da transição está a crescente preocupação da criança em saber como as coisas são e em esclarecer para ela mesma as bases de distinção entre o que é real e o que apenas aparenta ser.⁷²

2.1.3.3. Fé mítico-litera

Fase que vai dos oito aos dez anos, na qual ocorre o surgimento da narrativa e a formação de histórias da fé. O grande dom desta fase é a capacidade de narrar a própria experiência. Neste estágio temos a presença do pensamento lógico. A criança, porém, ainda não consegue refletir sobre estas histórias e os seus significados compostos. A criança já sabe definir espaço e tempo. Ela continua com muita imaginação e capaz de “fantasiar”. Agora, porém, ela deixa esta imaginação e fantasia mais para a hora de brincar. Ela tende a investigar e a testar o novo (ensinamento dos adultos) e fala sobre sua própria experiência. Deus se torna mais pessoal e está relacionado com as atitudes dos pais. Deus continua a ser entendido em termos antropomórficos, porém a relação com Deus é de reciprocidade. Deus é visto como um velho de barba branca e com mais detalhes. Ele faz o que acha melhor, assim como os pais (ou responsáveis). A justiça de Deus é baseada também na reciprocidade (as pessoas também devem ser justas). A criança tende a se apegar mais intensamente às regras e atitudes morais. Ela constrói um mundo mais ordenado. É necessário, portanto oferecer à criança subsídios para que não caia num perfeccionismo.

“Um fator que inicia a transição para o estágio 3 é a colisão ou contradição implícita nas histórias, que leva à reflexão sobre os significados.”⁷³

2.1.3.4. Fé sintético-convencional

É importante ressaltar que, na fase da adolescência, toda esta educação na fé será indispensável para a formação saudável da identidade. Este momento é marcado pela desestabilização geral e global. Aqui acontece a síntese das coisas passadas e de definição dos objetivos futuros. Existe a necessidade de “espelhos”

⁷² FOWLER, 1992, p. 117.

⁷³ FOWLER, 1992, p. 129.

tanto para chegar às mudanças em si mesmo como para comparar as vivências com as de outros iguais. Há uma forte necessidade de se relacionar com os “iguais”. Há a formação da identidade e moldagem de uma fé pessoal.⁷⁴

Deus parece estar vinculado a um relacionamento profundo em termos do desejo de conhecimento do outro misterioso, na busca da plenitude da vida frente aos limites que ela mesma impõe. Deus geralmente é visto como companheiro, amigo pessoal, sempre pronto a dar sua orientação e apoio. Neste estágio, a dimensão da síntese está ligada à forma como os valores são angariados nas suas relações interpessoais e assim sintetizados. É convencional no que tange à opinião de outros, sua perspectiva das coisas ainda é dependente, pois sua identidade até este momento está em formação.

A busca/conquista da identidade envolve refugiar-se em seu passado, que é conhecido, experimentado e vivido, enquanto tenta também projetar-se intensamente no futuro. Constitui-se num processo dinâmico e intenso, que obriga o adolescente a constantes reestruturações externas e internas, as quais se manifestam como flutuações da identidade. É um período marcado por contradições, ambivalências, fricções com o meio familiar e social.⁷⁵

Nesta fase o relacionamento com o sagrado se dá através de símbolos e rituais. “Portanto, símbolos valiosos são, eles mesmos, sagrados.”⁷⁶ Qualquer tentativa de desmitologização é encarado como um ataque direto ao sagrado. A falta de simbolismo acarreta esvaziamento do sagrado.

Para uma transição para o próximo estágio é preciso haver uma interrupção da confiança em “fontes externas de autoridade”.⁷⁷

2.1.3.5. Fé individual-reflexiva

“Caracteriza-se pela transição desenvolvimental da adolescência para a fase adulta”.⁷⁸ Há a possibilidade da construção reflexiva de ideologia e formação de um sonho vocacional.

Em relação aos símbolos e rituais, antes considerados sagrados, acontece uma desmistificação e são questionados de maneira crítica como é próprio deste

⁷⁴ MIRANDA, 2003, p. 105-110.

⁷⁵ MIRANDA, 2003, p. 107.

⁷⁶ FOWLER, 1992, p. 139.

⁷⁷ FOWLER, 1992, p. 151.

⁷⁸ MIRANDA, 2003, p. 111.

estágio. O jovem neste estágio deve assumir “seriamente o encargo da responsabilidade por seus próprios compromissos, estilo de vida, crenças e atitudes”⁷⁹. A autoridade não está mais “fora” da pessoa. A pessoa não busca mais sua identidade em um grupo, mas pode se identificar com a ideologia de determinado grupo. Participar ou não de determinado grupo virou uma questão de opção.

2.1.3.6. Fé conjuntiva

Privilégio de quem vive a meia-idade. Há a luta para unificar as contradições; profundidade e responsabilidade marcam esta fase. A pessoa consegue ver os muitos lados de uma questão simultaneamente. O diálogo faz parte desta fase. Fowler descreve isso assim:

O conhecimento dialógico do estágio 5 exige um conhecedor capaz de diálogo. [...] Aquilo que os místicos chamam de ‘desprendimento’ caracteriza a disposição do estágio 5 de deixar a realidade falar sua própria palavra, independentemente do impacto dessa palavra sobre a segurança ou a auto-estima do conhecedor.⁸⁰

A pessoa sabe que todas as coisas, também tradições religiosas, símbolos, histórias e mitos, são verdades parciais. Ela está ciente de que sua posição não é a verdade última e acabada.

2.1.3.7. Fé universalizante

Poucos chegam a esta fé. Exemplos são “Gandhi, Martin Luther King e Madre Teresa de Calcutá”.⁸¹ O que a norteia são os imperativos do amor e da justiça. Fundem-se a identidade pessoal com a identidade da busca ideal pela transformação. Há o envolvimento e comprometimento radical das pessoas com sua fé, uma fé madura que envolve, identifica e compromete. Fowler descreve este estágio desta forma:

Gradualmente, o círculo dos que contam na fé, na criação de sentido e justiça expandiu-se até que, no estágio conjuntivo, se estende para além dos limites de classe social, nação, raça, gênero, afinidade

⁷⁹ FOWLER, 1992, p. 154.

⁸⁰ FOWLER, 1992, p. 157.

⁸¹ MIRANDA.2003, p. 113.

ideológica e tradição religiosa. Na fé universalizante, esse processo chega a uma espécie de conclusão.⁸²

É importante analisar estas fases pelo fato de o trabalho pastoral abarcar a totalidade do ser humano. Importante também é vermos especificamente as duas fases que mais fortemente se manifestam na adolescência. Nela podemos ver ações e reações facilmente identificadas em nossos jovens.

2.2. Fases da fé específicas da adolescência conforme Fowler

No período da adolescência podem ocorrer duas fases diferentes da relação do jovem com sua fé.

A primeira fase desta época e idade é a fé sintético-convencional, na qual a autoridade ainda se encontra fora do indivíduo. O jovem ainda aceita sem muito questionamento o que os outros lhe sugerem. Isto vale também para os ensinamentos em relação à fé, Deus e religião. O jovem reflete e reproduz o que lhe foi ensinado desde criança pelos pais, familiares e escola. Conceitos e imagens são retransmitidos sem serem questionados. A visão que o grupo a que ele pertence tem é importante e muitas vezes é incorporada como se fosse sua visão e opinião. A pessoa é aquilo que seu grupo é. Nesta fase, ocorre a busca pelo verdadeiro significado de tudo o que foi aprendido até então. No entanto, falará mais alto a relação de fé exercida pelo grupo ao qual pertence, o que trará muitos conflitos interiores. Deus é visto como um bom companheiro que sempre está pronto para ajudar. Este sentimento é muito importante em vista das dificuldades que esta época e fase apresentam.

A segunda fase que diz respeito ao jovem é a fé individuativa-reflexiva. Inicia-se uma crise, em que os modelos até então seguidos são confrontados com as expectativas pessoais e as necessidades dessa fase da vida. É o momento de uma reflexão mais profunda para se optar por uma comunidade de fé. Isto significa mudanças grandiosas. Se antes a pessoa valorizava o grupo ao qual pertencia e neste formava opiniões e conceitos comuns, agora escolhe o grupo a partir de suas concepções e opiniões bem pessoais. As escolhas são feitas a partir de seu ponto de vista. A autoridade está na pessoa. As opiniões de outras pessoas continuam sendo importantes. Os grupos sociais também ocupam seu lugar de destaque. O

⁸² FOWLER, 1992, p. 118.

que muda é que a pessoa agora tem a “capacidade” e a necessidade de fazer escolhas próprias.

Estas mudanças tornam-se rapidamente perceptíveis no âmbito familiar e de amizades. A pessoa sente uma necessidade de se afastar de tudo que está posto à sua frente e já não consegue aceitar tudo que lhe é proposto. Neste sentido, a religião dos pais não passa a ser automaticamente a religião deste jovem. É preciso haver uma escolha pessoal. Nem sempre a religião dos pais será a opção do jovem. A religião precisa passar por um teste. O jovem precisa se afastar para decidir. Precisa questionar para resolver dúvidas e assim assumir uma religião como sendo sua, adotar uma religião como sendo um compromisso pessoal.⁸³ Perguntas de questionamento ao próprio Deus são normais. “Por que Ele permite tal injustiça?” “Por que acontecem tantos acidentes com jovens se Deus cuida de nós e nos ama?”

Aqui cabe ainda ressaltar a importância de a religião permanecer constantemente ao lado deste jovem para ser realmente uma opção de escolha. Este permanecer junto ao jovem se dá através de um espaço que a religião pode e deve oferecer, que é o grupo da Juventude Evangélica. Um espaço onde o jovem pode fazer perguntas e estas podem ser respondidas de maneira satisfatória para que sua opção seja de fato consciente e convincente.

2.3. Diário de Campo⁸⁴

O Jovem têm uma maneira peculiar de se manifestar e de viver. Algumas destas “maneiras” reforçam e retratam fortemente a teoria descrita até este momento. Precisamos nos aproximar mais ainda deste Jovem do qual fala o trabalho. Uma maneira de nos aproximarmos é a observação. O que descrevo a seguir são observações constantes feitas a partir da convivência com este grupo de Jovens.

⁸³ Vale dizer que este processo não se dá somente em relação à religião. Os mais diversos conceitos, valores, etc. devem passar por este processo de questionamento para, possivelmente, ser aceitos como opção pessoal.

⁸⁴ Anotações baseadas nos exemplos dos autores BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994. As notas, porém, não se apegam tanto aos detalhes de vestimenta ou identificação pessoal dos jovens, fazendo constar somente os fatos e dados relevantes para este trabalho.

Com relação aos encontros

Os encontros com o grupo de jovens em questão sempre acontecem num mesmo local, são mensais e têm quase que um mesmo desenrolar. Costumo chegar meia hora antes, porque gosto de acompanhar a chegada de cada um. Todos os jovens vêm muito perto da hora de começar o encontro. Não costumam chegar atrasados. Muitos vêm de condução própria, sendo a moto o transporte preferido. Outros vêm de carona. Alguns poucos vêm a pé. Mesmo que a moradia de uns poucos seja bem próxima ao local do encontro, eles ainda são trazidos pelos pais. Nestes últimos dois anos vi somente duas vezes acontecer isto.

O encontro ocorre sempre na sede da Sociedade. Os jovens já têm o seu canto “reservado”. Tudo é muito automático. O jovem chega, cumprimenta todos com um “Oi” (sem dar a mão), pega uma cadeira do lugar onde estão “amontoadas” e senta em círculo. As moças sentam mais ao lado das moças. Rapazes procuram os de sua idade. Só ficam juntos os casais que namoram já há mais tempo. As risadas, as piadas, as estórias do último final de semana e os fatos da semana são propagados em voz alta. Há muito barulho momentos antes do encontro.

C. O.: No início, quando comecei a trabalhar com esta turma me assustei com esta reação do grupo. O primeiro pensamento que me veio à cabeça foi: “como vou fazer estes jovens ficarem quietos e participar do momento de reflexão que quero propor?” Acho que isto assustaria qualquer um. Quarenta ou mais (algumas vezes se chegou a cinquenta jovens) conversando e rindo parece uma confusão muito grande.

Agora começam as surpresas. No momento de começar todos ficam em silêncio. Parece que alguém joga uma panela de água numa fogueira. Quando alguém que mais novo no grupo não têm um bom freio e continua meio “empolgado” em sua conversa, os demais pedem que ele se acalme. Nunca precisei pedir silêncio ou cooperação. Os jovens deste grupo sabem distinguir momentos diferentes num mesmo encontro.

O que acontece na reunião: cantam-se hinos, fazem-se orações, ocorre a leitura de um texto da Bíblia, que normalmente sou eu que proponho. É comum haver alguma folha com um texto a ser lido por todos do grupo a título de motivação para a discussão. Eles sugerem sempre que todos participem da leitura. Cada um lê

até o próximo ponto final, seguindo-se a ordem em que estão sentados. O momento é de ver quem lê as menores linhas, quem lê mais de uma vez, quem esquece de enxergar o ponto que determina a interrupção da leitura. Erros na leitura são corrigidos pelos demais, porém sem exageros ou humilhações.

A discussão que se segue é rica. Os jovens não costumam se desviar demais do assunto proposto. Conseguem aceitar e ouvir uma opinião contrária à sua. Conseguem discutir sem brigar.

C. O.: Em quatro anos de encontro nunca presenciei uma briga muito intensa dentro do grupo. Quando há opiniões contrárias, busca-se um consenso. Depois de alcançado este consenso não se volta mais ao assunto.

Quando termina a parte que me cabe é o momento de a liderança local entrar em ação. Na maioria das vezes, a diretoria eleita (as eleições são a cada ano) tem algum assunto para tratar. A participação nas decisões é intensa.

Eles gostam muito da parte lúdica, das brincadeiras nas reuniões.

C. O.: Eles têm questionários de perguntas e uma descrição de brincadeiras que costumam fazer com quem é novato. Numa de suas primeiras participações, cada jovem deve se submeter a estas perguntas (pegadinhas) e brincadeiras bem simples, mas muito divertidas. Depois disso, o jovem está integrado e participa efetivamente como membro do grupo. É quase como um batismo de novato.

Na hora do encerramento, eles formam um círculo muito fechado, cruzam suas mãos sobre o peito, unem-se ao que está ao seu lado dando as mãos, e faz-se a oração do pai-nosso com muito fervor e se espera a bênção que é proferida. Esperam por esta bênção como uma proteção para o restante da noite (que normalmente é preenchida com uma festa ou algum baile numa localidade que muitas vezes pode ser bem distante).

A despedida é bem animada e cada um/uma segue seu caminho.

Momentos e estórias

Muitas vezes estes jovens conseguem me impressionar. Principalmente pela organização interna. Eles conseguem planejar e executar muitas coisas durante o

ano. Saídas e excursões são bem normais para este grupo. Por ano acontecem de duas a quatro saídas em conjunto. Neste planejamento levam em conta datas em que a maioria pode participar. Isto é importante porque a maioria tem emprego fixo. Sempre há muitas estórias depois do retorno. Estas estórias mostram um pouco de como este jovem se comporta e pensa. Às vezes age e se comporta de maneira um pouco inseqüente. Os “trotos” são muito normais. Na volta de viagens, principalmente a do final do ano, todos têm estórias para contar. Numa destas vezes lembraram e contaram que um dos integrantes, muito cansado da viagem e em conseqüência da ingestão de bebida (não refrigerante), dormiu profundamente. Os outros se aproveitaram disso e colocaram sal em sua boca. Como ele não acordou logo e não percebeu o sal em sua boca, ficou com várias feridas e bolhas na boca. Não conseguiu comer e beber de maneira normal até a volta da viagem. Essa brincadeira poderia ter terminado com conseqüências mais sérias do que estas que foram relatadas, mas que não foram refletidas pelos demais que participaram da brincadeira. O que houve em seguida não foi nenhuma briga ou discussão. Houve sim, uma espécie de vingança. O atingido pela brincadeira do sal escolheu um dos demais como responsável e aplicou a sua peça. Deu-se o trabalho de esvaziar um tubo de protetor solar e em lugar deste produto colocar “creme dental”. O “alvo” da brincadeira passou seu protetor solar antes de ir para a praia. Desconfiou que o creme não se espalhava muito bem e continuava branco. Mas como não queria pedir a opinião dos outros ou pedir emprestado protetor solar dos outros, foi assim mesmo para a praia. Novamente as conseqüências da brincadeira apareceram. Desta vez de maneira bem rápida. Na metade da manhã este jovem estava completamente vermelho das queimaduras do sol. Não conseguiu dormir na noite seguinte por sentir dor e não aproveitou a praia até o final da excursão.

Muitas histórias mais são contadas por esses jovens e depois de cada uma dá-se muita risada. Aparentemente não guardam ressentimentos por coisas assim. Dizem que se não acontecesse nada não teriam histórias para contar aos seus filhos no futuro (até parece propaganda de cerveja). Até entendo, pois lembro da minha época de juventude. Aconteciam coisas muito parecidas e realmente não lembro de “quem aprontou para quem”. Só lembro que era muito divertido e a vida era alegre durante todo o tempo. Mas isto não deixa de ser bastante inseqüente. Este grupo gosta muito de viajar e conhecer lugares novos. Não se importam em dormir no ônibus, em lugares apertados, comer menos e comer somente coisas que levam de

casa. Tudo vale a pena por estes momentos que ficam na memória e história de vida de cada uma e de cada um.

Organização

Um dos pontos fortes deste grupo é sua organização. Normalmente a Comunidade, a Sociedade, o futebol, os corais da localidade e a escola precisam fazer uma festa anual para arrecadar “fundos”. Os jovens, então, são convidados a participar. Não presenciei nenhuma vez que estes convites não fossem aceitos. Eles ajudam responsabilmente na organização dessas festas. Normalmente trabalham neste dia servindo as mesas em troca do almoço ou janta. Mas este com certeza não é o motivo principal.

C. O.: Havia uma época em que se pensava que os jovens trabalhavam nas festas para “ganhar”. Ou a refeição ou um bom desconto. Fiquei de “queixo caído” quando numa reunião eles foram convidados a ajudar novamente, mas que esta entidade não teria condições de dar desconto ou mesmo a refeição. Todos aceitaram numa boa. Trabalhariam e ainda pagariam sua parte. Fiquei surpreso com esta constatação.

Consciência política

Algumas coisas acontecem em muitos lugares e com muitas pessoas. Em época de eleições isto é visto na televisão, comícios e encontros. Uma destas coisas é a falta da consciência política. Em um de nossos encontros mensais foi pedido que se encerrasse o encontro em horário exato, o que valia também para o encontro do próximo mês. Dizendo que não haveria dificuldade neste sentido, não deixei de me sentir muito curioso pelo motivo deste pedido. A resposta; “é que vem determinado candidato para expor suas idéias e propostas para ser eleito”. Até aí nada demais. No próximo mês vem outro candidato de outro partido político. Até aí também não há problema. A questão toda é que estes dois ofereceram janta e bebida. Descobri nesta conversa que um terceiro candidato foi rejeitado porque não ofereceu a mesma coisa para depois da conversa. Como muitos brasileiros, infelizmente, fiquei com a impressão que estes jovens são capazes de trocar seu voto por uma festa.

Aceitam e até convidam candidatos a virem ao grupo para exporem suas idéias e metas para seu “governo”, desde que paguem a janta ou a rodada de bebida. Disseram que destes pelo menos ganham alguma coisa, dos outros, se eles se elegerem, nem isto estaria garantido.

C. O.: A lógica é um pouco cruel. Alguém que tem a cara-de-pau de oferecer muita festa tem grande probabilidade de ser eleito. Quem tem boa proposta e é capaz de trazer muita verba para o município, melhorando assim a vida da população, não tem chance. É a perpetuação deste sistema injusto que aqui está exposto. O jovem deste grupo não consegue vislumbrar muito bem este sistema que o envolve e o seduz com migalhas. Não quero ser injusto agora; sei que a maioria dos brasileiros faz isto e muitos adultos estão nesta fileira. Sei também que o voto é secreto e que uma festa não garante que este ou aquele vote obrigatoriamente em alguém.

Trabalho

Praticamente todos os jovens deste grupo trabalham durante a semana em alguma cidade na vizinhança. Voltam, porém, no final de semana para a casa dos pais e participam das festas locais e do grupo de juventude.

Regras e normas

Um fato me chamou a atenção num encontro recente. Há uma boa freqüência às reuniões do grupo, sendo vista como norma a presença de 30 a 50 jovens por encontro. Para um total de 60 membros inscritos, a porcentagem é bem alta. Mesmo assim, eles criam muitas regras para o funcionamento do grupo. Parece que gostam de “lei” para praticamente tudo. Primeiro é a questão da inscrição no grupo. Quando o jovem sai do Ensino Confirmatório, ele é imediatamente convidado pelas lideranças. A entrada é facilitada e mesmo incentivada pelas regras rígidas do grupo. Se o jovem se inscrever como membro até seis meses depois da Confirmação, ele só paga uma “jóia” que é o valor de uma cerveja. No primeiro ano, não paga anuidade. Se o jovem não se inscrever nos primeiros seis meses após a

Confirmação ele terá que pagar a “jóia” e a anuidade que atualmente está em R\$ 13,00 (treze reais). Isto vale para quem vem de outras comunidades ou jovens com mais de 15 anos. Além disso, eles resolveram tornar mais rígidas algumas leis que já vigoravam. Era exigido do membro a presença em pelos menos duas reuniões anuais. Agora a exigência foi aumentada para 50% do total de reuniões realizadas durante o ano. A meu ver, esta regra é exigente demais, uma vez que a frequência sempre foi boa mesmo antes dessas “leis”. Mas parece que eles gostam de criar leis. Mas existem ainda muitas outras regras além dessas. Principalmente em relação às viagens no final do ano que sempre acontecem. Sentem-se mais seguros quando as regras são claras.

Sentimento de pertencer a um grupo

Todos os jovens quando saem do Ensino Confirmatório se inscrevem na Juventude Evangélica. Neste grupo, eles se reúnem, se divertem, planejam saídas na noite e viagens. Aliás, quando saem em excursões e viagens, estas muitas vezes se transformam em verdadeiros sofrimentos (dormem no ônibus, em casas com pouquíssimos quartos e banheiros, comem o que eles mesmos preparam). O sentimento de pertencer a este grupo é muito forte. Eles têm um linguajar muito parecido. Muitas vezes o grupo também dita a moda em questão de roupas. Estão sempre na moda que a TV mostra. Quando alguém “tem coragem” de colocar um brinco ou “outro acessório”, logo outro também o faz.

Os integrantes do grupo expressam de maneira muito intensa o sentimento de pertença a este grupo, mas este sentimento nem sempre está relacionado com a questão do “ser-Igreja”. Um indicativo disto é que este jovem não se envolve com programações do Sínodo ou qualquer outra programação oferecida pela IECLB.

Comunidade

Em certa ocasião, encerramos o encontro de maneira muito feliz. Cantamos muito durante a reunião, o estudo foi de participação intensa e houve brincadeiras que agradaram e envolveram muitos jovens. Aproveitei o momento para convidar todos os jovens para o culto na comunidade no dia seguinte, um domingo de manhã. Fiquei muito surpreso com a reação de muitos. Disseram que iriam participar, “para

não me deixar sozinho”. Fiquei muito feliz. Fui para casa com o sentimento e a certeza que no outro dia a Igreja iria estar cheia, principalmente de jovens. Tão grande quanto a alegria desse momento foi grande, foi a decepção no outro dia durante o culto. De todos aqueles que “prometeram” não me deixar sozinho vieram dois jovens, um casal de namorados. É que depois do encontro da juventude houvera baile e muitos deviam estar cansados demais para lembrar do culto.

C. O.: Neste momento lembrei que o jovem pode ser meio inconstante às vezes e participar somente daquilo em que realmente se sinta bem.

Aliás, o que não falta na vida do jovem são opções e ofertas atrativas do que fazer no final de semana. Há bailes, *shows* com bandas de renome nacional e até internacional, jogos de futebol de toda natureza e estilo, eventos dos mais diversos que tentam a qualquer custo atrair a atenção do jovem (festa de *kerb*, baile da batata frita, gata molhada, etc.) A religião é uma dessas opções, mas nem sempre é a que tem melhor oferta no quesito diversão e descomprometimento.

Os jovens convivem também com a diversidade de religiões. Há pessoas de grupos neopentecostais que visitam as famílias e se oferecem para orar por e com elas. Algumas famílias da localidade, por motivos de doença na família, aceitam esta “ajuda” que vem até sua casa.

Convívio e relacionamentos

As estruturas familiares que estes jovens vivem ainda se mantêm intactas na maioria dos casos. Há algumas separações e famílias mistas, que ainda são tratadas como exceções.

O que assusta um pouco uma cabeça tradicional como a minha é a maneira como o jovem fala do seu relacionamento com o sexo oposto. Estou ciente de que existe no vocabulário e na vida do jovem o “ficar”, a competição para ver quantos se consegue beijar numa mesma noite. Mas entram no debate também questões que mexem com o amor próprio. Usar o outro somente para satisfazer um desejo é tornar o outro um puro e simples objeto.

É verdade que os jovens desse grupo vivem no meio rural, mas se confrontam com a realidade de um mundo globalizado. Todas as idéias de sentimentos e de relação entre seres humanos que circulam nos mais diversos

níveis também chegam com toda intensidade aos jovens deste grupo. Muitas vezes eles não sabem o que fazer com estas informações. Alguns e algumas se perdem e perdem todo controle da situação, tornando-se simples objetos de dar e receber prazer em nome do “momento e da curtição”.

Pesar e perda no mundo do jovem

Registro uma das últimas coisas que aconteceu no ano de 2006. Com este registro encerro este Diário de Campo. O ocorrido me marcará pelo resto da vida. O grupo é muito unido e isto ficou demonstrado em muitos momentos, que foram quase sempre de muita alegria. Mas este não foi alegrem, ao contrário. Um desses jovens sofreu um acidente muito violento e infelizmente fatal. Encontrei este jovem no sábado à tarde anterior ao acidente. Conversamos e brincamos com alguns assuntos, como sempre. Ele estava diante da Sociedade de uma outra localidade. Convidei-o para que voltasse em seguida para sua localidade, já que tínhamos uma reunião de comunidade na mesma tarde. Perguntou-me a hora da reunião e me disse que já viria. A reunião ocorreu e este jovem não apareceu. No domingo de tardezinha recebi uma ligação, relatando o ocorrido e perguntando pela hora do sepultamento. No outro dia, escutei muitas histórias sobre o ocorrido. Como em muitos outros casos, várias versões diferentes. Mas em todas transparecia a atitude de imprudência por querer ultrapassar vários veículos de uma só vez. Quantas vezes falávamos do cuidado que deveriam tomar ao andarem por aí, principalmente nos finais de semana, com motos, em que o pára-choque são os joelhos e o pára-brisa a própria testa. É interessante que, em cada reunião de Juventude, havia alguma história de coisas que aconteceram com motoqueiros. Um perdeu um dedinho do pé, outro subiu os degraus de uma casa quase indo parar dentro dela, etc.

O acidente em questão foi muito violento. O jovem foi jogado frontalmente contra um poste, morrendo instantaneamente. Houve fratura de muitos ossos no peito e na cabeça. A violência do choque estava visível não só na cena do desastre, mas a todo o momento no aspecto do rapaz.

O momento do sepultamento foi muito difícil para toda a Comunidade. Quando cheguei ao lugar do sepultamento me vi logo cercado por muitos jovens. Nos seus olhos havia a pergunta: e agora?

Todos os jovens do grupo compareceram com a camiseta que identifica o grupo com a inscrição “unidos por um ideal”. Desta vez, unidos para se despedir de um membro. Ficaram juntos durante todo o tempo da cerimônia do sepultamento. Em momentos de lembrança da vida que havia acabado de maneira súbita, o sofrimento estava visível no rosto de cada um. Antes do fechamento do caixão todos se despediram. Os jovens, em fila, também o fizeram. Conheço cada um e cada uma do grupo, mas acho que foi a primeira vez que vi todos juntos dessa maneira.

Foram os líderes do grupo que carregaram o caixão para o túmulo, enquanto os demais caminhavam muito juntos dos demais do grupo. Parecia que queriam mostrar que não havia nenhum lugar vazio neste grupo, mas no fundo sabiam que havia uma lacuna bem grande.

Notei que laços foram reforçados mais ainda no seio deste grupo, embora o momento tenha sido de muito sofrimento. Só não sei até onde o sentimento de onipotência tenha sido um pouco minado, um sentimento que já fora expresso em muitas ocasiões e que não ajudava para a promoção da vida dos integrantes deste grupo em momentos de festa e divertimento.

2.4. Jovens desenhando para mostrar como imaginam Deus

Nos encontros mensais que tenho com o grupo de jovens da Juventude Evangélica, há sempre um momento de reflexão a respeito de Deus. Imagens são repassadas através de textos, leituras e de interpretações de textos da Bíblia. Como estas imagens se fixam no jovem? Que imagem o jovem deste grupo tem de Deus? Podemos identificar em qual dos estágios da fé o jovem se encontra? Em um dos encontros mensais deste grupo de jovens, eles foram desafiados a desenhar como imaginavam Deus. O resultado é apresentado a seguir. Dentre os desenhos foram selecionados aqueles que eram de jovens que mais se aproximavam da idade que este trabalho se dispôs a analisar.

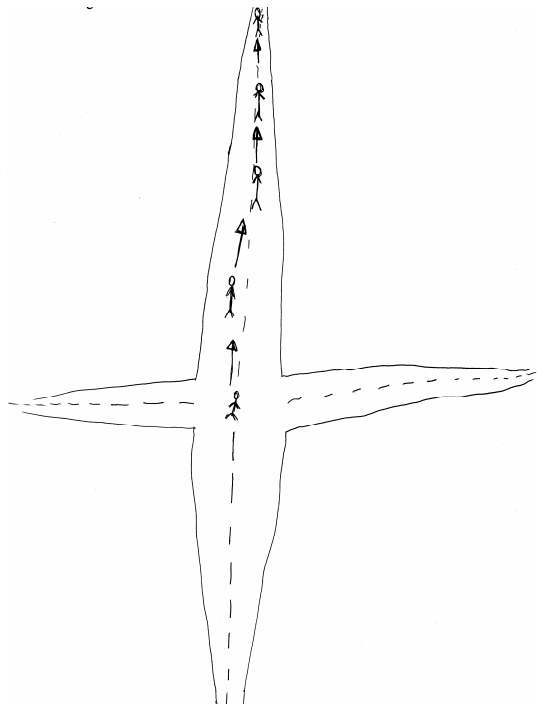


A)

Jovem feminina, 21 anos.

Escolaridade: Ensino Médio Completo. Trabalha com os pais.

“Para mim Deus representa um conjunto. O sol para nos esquentar. As árvores para nos oferecer alimento e a sombra. E o rio e a água para saciar nossa sede.”



B)

Jovem masculino; 21 anos.

Escolaridade: Ensino Médio Concluído. Trabalha “fora de casa”.

“Imagino Deus sendo um dos vários caminhos que aparecem diante de nós, sendo que o caminho dele é o mais seguro, confortável e maravilhoso.”



C)

Jovem feminina, 21 anos.

Escolaridade: Ensino Médio e Técnico Concluído. Trabalha no Centro do Município.

“Para mim Deus é a paz; é a tranqüilidade; é a harmonia.”



D)

Jovem feminina, 20 anos.

Escolaridade: Ensino Médio Concluído. Trabalha numa fábrica de calçados.

“Imagino Deus sendo uma mão protetora sobre nós”.

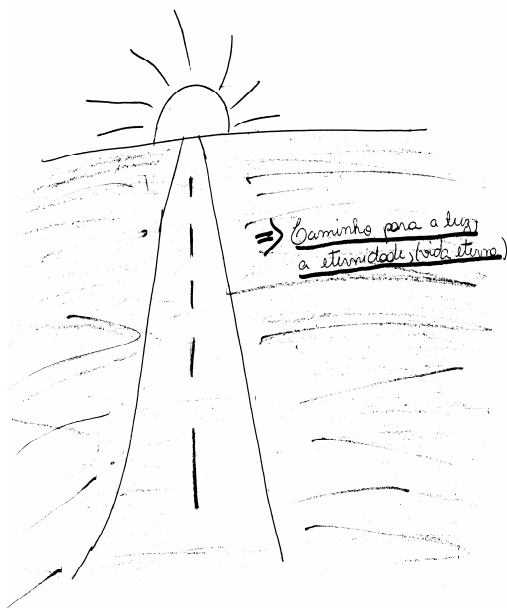


E)

Jovem feminina, 18 anos.

Escolaridade: cursando o Ensino Superior. Não trabalha em emprego fixo.

“Acredito que Deus esteja nas coisas mais belas (que cercam-nos a cada dia) e sem as quais nossa vida não teria um colorido especial. Colorido este que nos dá a força para acordar cada manhã e lutar pela felicidade.”



F)

Jovem feminina, 19 anos.

Escolaridade: Ensino Médio Completo. Trabalha em um Supermercado numa cidade próxima.

“Caminho para a luz, a eternidade (vida eterna).”

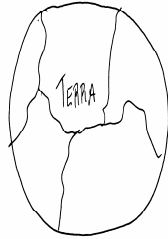


G)

Jovem masculino, 18 anos.

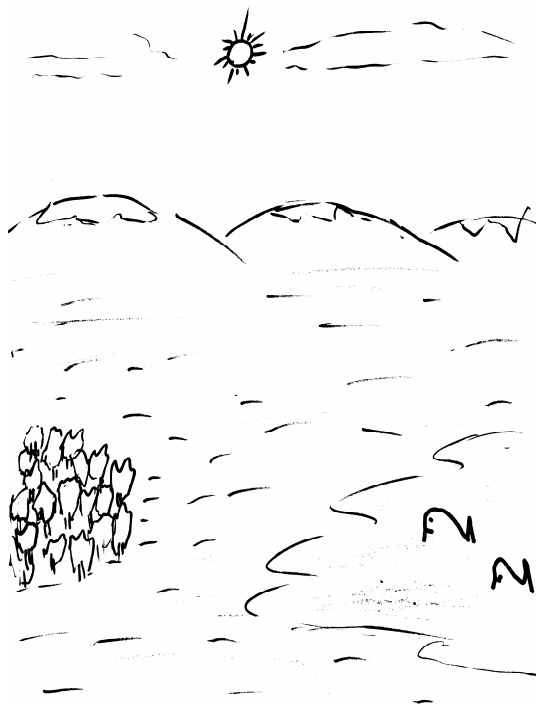
Escolaridade: Ensino Médio Completo.

Trabalha numa fábrica de esquadrias.



“A estrela sempre está no céu, e quando, na maioria das vezes, cometemos nossos atos ruins nós não a enxergamos e ela vê tudo, de noite como de dia.”

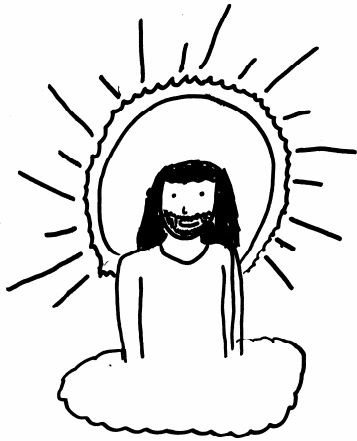
H)



Jovem masculino, 18 anos.

Escolaridade: cursando a faculdade. Trabalha em Município vizinho.

“Deus é tudo ao nosso redor (terra, céu, mar).”



I)

Jovem masculino, 16 anos.

Escolaridade: cursando o Ensino Médio.

Trabalha com os pais.

“Deus é como Pai que nos cuida em todo momento.”

Além destes desenhos que nos servem como exemplos, ainda foram feitos outros, dos quais faço constar apenas o texto que os acompanha:

J) Jovem feminina, 16 anos. Frequentando o Ensino Médio. Trabalha numa fábrica de calçados.

“Deus para mim é como o ar; sem ele não consigo viver...”

L) Jovem feminina, 16 anos. Frequentando o Ensino Médio. Trabalha com os pais em casa.

“Deus para mim é uma força que existe em nosso interior; é a fé de que necessita os nossos sonhos.”

M) Jovem feminina, 16 anos. Frequentando o Ensino Médio. Trabalha com os pais em casa.

“Para mim Deus é um Guia que me mostra o caminho certo.”

N) Jovem masculino, 17 anos. Frequentando o Ensino Médio. Trabalha com os pais em casa.

“Deus para mim é como a chuva que nos momentos difíceis, quando estamos precisando, vem para nos ajudar.”

O) Jovem masculino, 18 anos. Frequentando o Ensino Médio. Trabalha com os pais em casa.

“Para mim Deus está na cruz de onde consegue ver todas as atitudes que acontecem na terra.”

Esta é a visão que o nosso jovem tem de Deus, sendo que algumas coisas ficam bastante claras a partir desses documentos. Há estágios diferentes representados neles. Enquanto alguns estão no estágio da fé mítico-litera (Ex. Deus vê todas as nossas atitudes e erros – conseqüentemente nos castiga de acordo com...), outros se encontram no estágio da fé sintético-convencional (Ex. Deus como alguém que está aí para nos ajudar). Com base no conhecimento da história destes jovens, é possível afirmar que outros já estão no estágio seguinte, que é o da fé individualivo-reflexiva.

Esta visão nos mostra, além de muitas outras coisas, que Deus é percebido como bem próximo. Ele está na vida e faz parte da realidade deste jovem. Deus participa da natureza, da família; mostra o caminho e cuida.

A comunidade e o grupo de jovens desta comunidade constitui um lugar onde a fé desse jovem pode se desenvolver, capacita-o a se posicionar de forma melhor e dar respostas mais positivas no que se refere à valorização da vida, proporciona-lhe condições de melhorar a convivência com a família e a sociedade e tornar-se uma pessoa de referência para as demais. Como?

2.5. Propostas de atuação

Durante a realização deste trabalho pude constatar que este jovem do qual falo cultiva uma relação estreita com Deus. (Viste? Tu falas de um jovem concreto!) Também mantém uma relação muito boa com o grupo. Ele tem um sentimento de pertença. Mas infelizmente este sentimento não está muito presente em relação à sua Comunidade e Igreja. Ele participa de qualquer proposta que o grupo lança, mas não de programações que vão além das fronteiras de sua comunidade.⁸⁵ Uma das perguntas que me angustia no trabalho pastoral com os jovens é a pergunta pelo futuro desta igreja da qual sou membro, na qual trabalho e da qual gosto. Será que os jovens realmente se afastarão cada vez mais da igreja? Pesquisas mostram claramente que o jovem da atualidade acredita em Deus.⁸⁶ Constatei isto mais uma vez durante o processo de confecção, por parte dos jovens, dos desenhos que

⁸⁵ Conforme o Diário de Campo que consta neste trabalho. p. 51-60.

⁸⁶ Palestra inaugural com Padre Dick, no dia 08 de janeiro de 2007, na Escola Superior de Teologia.

fazem parte desta dissertação. Nenhum deles manifestou em algum momento que tem dúvidas em relação à presença de Deus em sua vida. Mas, Deus sim, Igreja não? Não sei de todas as coisas que contribuíram na história da Igreja e da própria sociedade para esta situação chegar a tal patamar e situação. Mas sei que podemos pelo menos tentar mudar um pouco esta situação. Mais uma vez fico angustiado por que me parece quase impossível apontar uma sugestão de saída. Mas o texto do professor Danilo Streck, intitulado *O éthos de uma educação humanizadora*⁸⁷, fez-me pensar em algumas sugestões para o trabalho com a juventude na comunidade, sugestões que encaro como um desafio para mim mesmo. Especialmente proveitosa é a imagem da construção de uma casa. Diz o texto que, numa construção, o princípio não se dá com cimento ou cálculos. Em primeiro lugar acontece o “sonho”. A imaginação se solta e podemos vislumbrar o melhor lugar para a sala, podemos ver o quarto das crianças, ver a linda cozinha de onde sairão pratos deliciosos para alimentar a família. Tenha o tamanho que tiver, o formato que tiver, será a casa “ideal”. Depois deste “sonho” é que a pessoa vai atrás do arquiteto, dos pedreiros, eletricitas, encanadores, pintores, etc. Depois o cuidado com a construção. Só quem imaginou, sonhou, é que pode dizer se a casa está ficando de acordo com os planos. O trabalho poderá ser árduo, com muito esforço e sacrifício, mas também com muita alegria. O que não se pode fazer é “desistir do sonho”, desistir dos jovens, parar de sonhar porque a casa se transformou em miragem.⁸⁸ Estas são pistas que apontam para um trabalho que tem um método claro, ficando a metodologia mais ao encargo daquela que executa a “obra”.⁸⁹

2.5.1. Atuação direta com o jovem da Comunidade

Para que a Igreja, para que a Comunidade seja o lugar em que a pessoa possa “crescer na fé”; ou quem sabe seria melhor dizer, posicionar-se diante do seu Senhor e Salvador, o percurso não é muito diferente do que o da construção de uma casa. As pessoas da Comunidade, neste caso o jovem, são as únicas que podem dizer como gostariam que fosse esta sua Comunidade. Portanto, o trabalho para a

⁸⁷ STRECK, Danilo R. *O éthos de uma educação humanizadora*. **Revista Espaço Pedagógico**. Passo Fundo, v.13, n. 1, p. 95-106, jan./jun. 2006.

⁸⁸ STRECK, 2006, p. 99.

⁸⁹ Entende-se por método aquilo que é nosso princípio e que não se muda de hora para outra. Metodologia é o que se usa (material, dinâmicas) para atingir os objetivos de maneira melhor e mais rápida.

mudança desta situação atual obrigatoriamente passa pela conversa sincera com o jovem. Como será que ele sonha “SUA” Igreja? Alguém já perguntou ao jovem o que ele espera de sua Comunidade? Por que não colocar representantes dos jovens dentro do presbitério?

Sabemos que, na fase da adolescência, há uma grande necessidade de relacionamento com o “grupo de iguais”. E também sabemos que isto vai acontecer de qualquer forma. A pergunta é; onde será este encontro? Só na *internet*? E o calor humano, o contato, o relacionamento, onde ficam? Será num posto de gasolina? Deve ter lugar melhor. Numa boate? Num bar? Estes lugares serão visitados pelos jovens, mas com que freqüência? Pode ser em qualquer lugar, pode ser com qualquer grupo. Um desses lugares pode ser o pavilhão da Comunidade. Um desses grupos pode ser o da Juventude Evangélica. A má companhia pode fazer muito estrago na vida de um jovem, assim como a boa companhia pode fazer um bem danado a ele. Para que isto aconteça, é preciso dar um passo em direção ao jovem, fazer uma opção clara por ele e pelo trabalho com este grupo, deixar que ele fale. Oferecer este espaço a todo jovem é um compromisso. Esse oferecimento deve incluir também os jovens de família afastada da Igreja e Comunidade. Afinal, a preferência de Jesus era justamente pelos afastados e marginalizados da sociedade de sua época. O compromisso é ser de fato uma comunidade em que a pessoa se sinta ligada a ela por muitos sentimentos, menos o de ser membro por pura e simples tradição.

A comunidade e o grupo de jovens devem ter como fundamentos e princípios valores como a sinceridade, a parceria, o amor e a solidariedade. Se estes forem os valores que regem um grupo de juventude, certamente este será um lugar que atrairá os jovens e onde eles se sentirão bem, um lugar ao qual ele desejará retornar.

2.5.2. Atuação com a família do jovem nesta Comunidade

O trabalho em direção a uma comunidade melhor não pára e não se restringe apenas ao grupo de jovens. Estou convencido que, para o jovem dar o devido valor à vida em comunidade, deve haver um forte trabalho com a família deste jovem. A família é a base da sociedade e comprovadamente é a instituição na qual o jovem tem mais confiança. Não consigo acreditar que um jovem venha a participar da vida

de uma comunidade com gosto e vontade, se toda a sua família, principalmente seus pais, não o fizer. Não consigo imaginar que o jovem opte por ser membro de uma comunidade da qual só escutou comentários negativos e críticas severas. A construção da identidade é um processo constante, começando, portanto, nos primeiros momentos de vida, nos quais a família tem uma influência quase que total. Se uma família está convencida do valor da comunidade, o jovem também se sentirá motivado a fazer parte dela. Ou a família acha que uma outra companhia é melhor para o filho do que os filhos dos membros de sua comunidade, do que os membros do grupo de juventude? Boa companhia é de vital importância em uma época em que se define a identidade. A família deve estar consciente deste processo e optar, também conscientemente, pelo apoio a este grupo de iguais. Envolver a família na Comunidade e no trabalho com jovens é um bom caminho para que este trabalho aconteça de maneira satisfatória.

2.5.3. Atuação com o presbitério da Comunidade

Ainda há algo mais que podemos fazer e que está ao alcance de nossas mãos: a conscientização do presbitério. Quanto dinheiro é gasto com obras dentro de uma comunidade? Não que obras não sejam importantes, mas provavelmente as pessoas concordarão que não são mais importantes do que o jovem que é o presente e o futuro da comunidade. Obras sem serventia atrapalham e são difíceis de serem mantidas. Não quero falar só de dinheiro. A paciência com o jovem também é de suma importância. Muitas vezes a consciência da manutenção da ordem e da limpeza não está entre as prioridades do jovem. “É chato limpar e arrumar”. A maneira como é feita esta conscientização pode levar a resultados muito diferentes e opostos. Já foi dito: por que não convidar um (ou mais) jovens a decidir no presbitério onde será investido o dinheiro do orçamento e o que é importante ter na comunidade para que o espaço oferecido seja mais atraente, mais convidativo para o convívio do jovem? Sei que materiais de multimídia (como *datashow*) ainda são caros. Mas também sei que tornam um encontro muito melhor.

CONCLUSÃO

Quando estudei na Escola Superior de Teologia, eu notava, à medida que o tempo ia passando, em que pontos eu havia sido bem “instruído”, onde estavam meus pontos fortes e onde havia lacunas. Quando voltei do estágio, busquei me aprofundar na área do Aconselhamento, porque notei que me faltava conhecimento nesta área. Para o trabalho final na Faculdade de Teologia, elegi como tema geral a História da Igreja porque ainda não estava me sentindo bem preparado nesta área. Após o Período Prático de Habilitação ao Pastorado, o famoso PPHP, busquei mais informações a respeito do trabalho com casais já que não havia nada específico nesta área na Faculdade de Teologia. Depois de quase 15 anos no pastorado senti uma necessidade muito grande de buscar mais conhecimento na área da juventude. Ficava muito angustiado diante das colocações do tipo “já não é como antigamente” e “estes jovens não querem nada com nada, são todos marginais”. O que acontece nesta época com o jovem? Por quais transformações passa e como ele se sente em relação a tudo isto?

Chego ao final deste trabalho com a certeza que sofremos grande influência do meio que vivemos. A sociedade tem a capacidade de influenciar nossa maneira de viver, pensar e nos comportar. Ao mesmo tempo, nós, seres humanos, temos a capacidade de interagir com este meio, podendo mudá-lo também. Com isto chego a esta frase: conhecer para transformar e melhorar poderiam ser as palavras-chave para este momento de conclusão.

A idade adolescente é muito bonita. É uma época de suma importância, em que as pessoas decidem a maior parte das coisas que as acompanharão por toda vida: profissão, companheiro/companheira, amigos e amigas. São muitas as coisas que encaminham a vida do jovem para uma determinada direção.

Nisto tudo reside a importância do conhecimento geral e sem preconceitos daqueles que se propõe a trabalhar com pessoas nesta idade. Encarar a época como “aborrecência”, como época de “suportar até passar”, a meu ver, é um grande erro. A época é de puro investimento. Se forem bem orientados, se não forem abandonados à pura sorte, os adolescentes poderão desenvolver potencialidades maravilhosas, desenvolver consciência ética e moral e contribuir de forma ímpar para o melhoramento desta sociedade.

Lembro o compromisso de cada comunidade cristã. A missão de uma comunidade cristã é ser portadora da Boa Notícia do Reino de Deus. Neste Reino há lugar para todos. Há lugar para o diálogo e o convívio fraterno, respeitando as individualidades de cada um. Um destes lugares que podemos oferecer para que aconteça este diálogo e o convívio fraterno é a Juventude Evangélica. Talvez o departamento correspondente da nossa IECLB esteja passando por algumas indefinições e necessite passar por uma ressignificação do seu espaço dentro da Comunidade e da Igreja.

Tal espaço, a princípio, deveria existir e ser oferecido por toda e qualquer Comunidade cristã. E quando este espaço for oferecido e os jovens não comparecerem num primeiro momento, é hora de exercitar a perseverança e a paciência. A paciência daqueles que sabem e reconhecem o valor de tal espaço, daqueles que experimentaram em sua vida a importância de ter ao seu lado nos momentos de crise de vida e fé pessoas compreensivas e dispostas ao diálogo e a oferecer seu ombro amigo para ajudar.

Este espaço deveria receber total apoio da família do jovem. Afinal de contas ele, o jovem, buscará um “grupo de iguais”, buscará pessoas em quem se espelhará, desenvolverá sua individualidade, sua identidade, e que lugar melhor do que este para encontrar tudo isto senão num grupo local, um grupo da própria Comunidade.

Este espaço deveria receber atenção especial do presbitério da Comunidade. Estes jovens são presente e futuro da Comunidade. Eles têm lugar e direito a vez e voz? Jesus Cristo têm excelentes propostas para todos os que o buscam. Estas propostas devem sempre estar na “vitrine” das comunidades que desejam investir em Missão.

Para finalizar: sei que esta é apenas uma das maneiras possíveis de escolher a literatura, uma maneira de interpretar a literatura consultada, uma maneira de

expor os resultados e as conclusões, uma maneira de abordar o assunto, visto que muitos pontos poderiam ser mais bem detalhados ou aprofundados. Está claro também que muitos dos assuntos expostos já resultaram e ainda resultarão em trabalhos “inteiros”. Cabe ressaltar enfim que, através do conhecimento podemos melhorar a nós mesmos e a nossa sociedade. Basta não desistir de sonhar com um mundo melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, Arminda. **Adolescência**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. 10. ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1992.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.
- BRITTO Marilda S. da Rocha. A terceirização da maternagem. In: WEINBERG, Cybelle (Org). **Geração *delivery***: adolecer no mundo atual. São Paulo: Sá, 2001. p. 127-135.
- CHALITA, Gabriel Isaac (Org.). **Vida para sempre jovem**. São Paulo: Siciliano, 1992.
- COLL, César.; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia Evolutiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v. 1.
- DAUNIS, Roberto. **Jovens - desenvolvimento e identidade**: troca de perspectiva na psicologia da educação. São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel**: a infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil. 12. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- EIZIRIK, L. Cláudio; KAPCZINSKI, Flávio; BASSOLS S. Ana Margareth (Org.). **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. **O ciclo da vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FIERRO, Alfredo. Relações Sociais na Adolescência. In: COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 299-321.

FOWLER, James W. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FOWLER, James W. Estágios da fé: um quadro de referência para o engajamento teológico-prático. In: SCARLATELLI, Cleide C. da Silva; STRECK, Danilo R.; FOLLMANN, José Ivo (Org.). **Religião, cultura e educação**. São Leopoldo: Unisinos, 2006. p. 109-120.

GRIFFA, Maria Cristina; MORENO, José Eduardo. **Chaves para a psicologia do desenvolvimento**. São Paulo, Paulinas. 1998.

KILPP, Nelson (Coord.). **Manual de normas para trabalhos científicos**: baseado nas normas da ABNT. São Leopoldo: EST, 2006.

LACERDA, Catarina Augusta de Oliveira Pasin de; LACERDA, Milton Paulo de. **Adolescência: problema, mito ou desafio?** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

LEVY, Ruggero. O adolescente. In: EIZIRIK, L. Cláudio; KAPCZINSKI, Flávio; BASSOLS S. Ana Margareth (Org.). **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 127-140.

LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal/Concórdia, 1995. v. V.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Adolescente hoje**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

MAINIERI, Alberto Scofano. **Sexo, será que você sabe tudo?** 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

MARTINI, Romeu Ruben (Org.) **Batismo e educação cristã: por uma vivência da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

MAZAROLLO, Gisele. **Espiritualidade e adolescência a partir da disciplina de ensino religioso**. Dissertação (Mestrado no IEPG/EST, São Leopoldo, 2005.

METTE, Norbert. **Pedagogia da religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MIRANDA, Ana Maria Vieira de. **Fé enquanto busca do sentido da vida na adolescência:** perspectiva psicológica. São Bernardo do Campo, 2003. (Teses e Dissertações)

OUTEIRAL, José O. **Adolescer: estudos sobre adolescência.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

RIZZUTO, Ana-Maria. **O nascimento do Deus vivo:** um estudo psicanalítico. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

RODRIGUES, Denise. **O adolescente hoje.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

SCARLATELLI, Cleide C. da Silva; STRECK, Danilo R.; FOLLMANN, José Ivo (Org.). **Religião, cultura e educação.** São Leopoldo: Unisinos, 2006.

SCHEUNEMANN, Arno Vorpapel; HOCH, Lothar Carlos (Org.). **Redes de apoio na crise.** São Leopoldo: EST/ABAC, 2003.

SCHMIDT, João Pedro. **O que pensam os jovens, hoje:** imaginário social dos estudantes dos Vales do Rio Pardo e Taquari. Santa Cruz do Sul, 1996.

STRECK, Danilo R. **Correntes pedagógicas:** uma abordagem interdisciplinar. Rio de Janeiro: Vozes/Celadec, 2005.

_____. O *éthos* de uma educação humanizadora. **Revista Espaço Pedagógico.** Passo Fundo, v. 13, n. 1, p. 95-106, jan./jun. 2006.

STRECK, Gisela Isolde Waechter, **Ensino religioso com adolescentes em escolas confessionais luteranas da IECLB.** Tese (Doutorado) no IEPG/EST. São Leopoldo, 2000.

STRECK, Valburga Schmiedt; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Imagens da família:** dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

TIBA, Içami. **Adolescentes:** quem ama educa. 2. ed. São Paulo: Integrare, 2005.

WALZ, Julio. **Aprendendo a lidar com os medos.** 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

WEINBERG, Cybelle (Org.). **Geração Delivery:** adolescer no mundo atual. São Paulo: Sá, 2001.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler; HERNÁNDEZ, Carlos José. **Aprendendo a lidar com crises**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

ZAGURY, Tânia. **O adolescente por ele mesmo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ZAIDAN, Patrícia; PAULINA, Araci. Onipotência; A síndrome que leva os jovens a arriscar a vida. **Revista Cláudia**. São Paulo, ano 45, n. 12. p. 88-94, dez. 2006.

ANEXO I

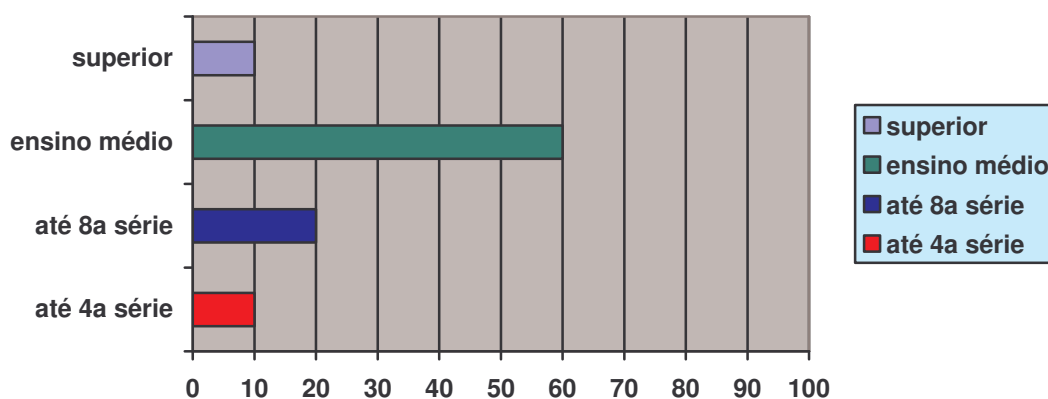
Tabelas referentes ao nível de escolaridade do grupo de jovens

De trinta questionários respondidos:

A) Instrução dos Jovens

- três estão cursando o Ensino Superior
- dezoito concluíram ou estão cursando o Ensino Médio
- seis concluíram ou estão concluindo o Ensino Fundamental
- três estudaram só até a quarta série

Gráfico 1 (%)

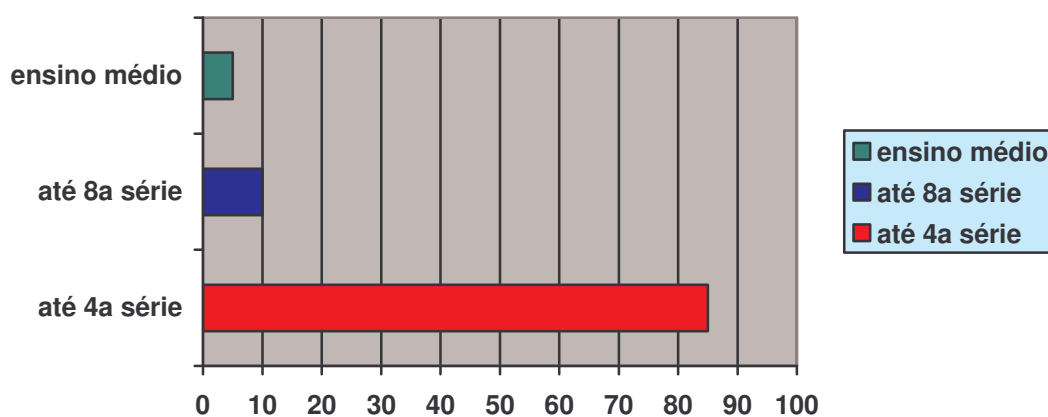


B) Instrução dos pais destes jovens

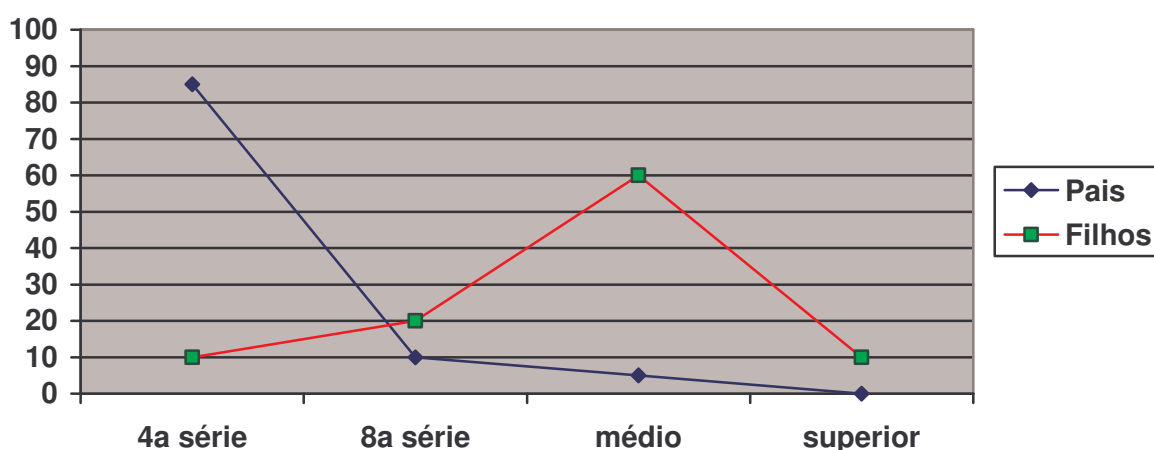
Universo total pesquisado: sessenta pessoas:

- três concluíram o Ensino Médio
- cinco concluíram o Ensino Fundamental
- cinquenta e duas estudaram até a 4ª série

Gráfico 2 (%)



C) Comparação entre os dois níveis.



Conclusão: os Jovens têm um grau de escolaridade bem superior a seus pais. Se existe poder no saber e no grau de escolaridade, então os jovens deste estudo possuem uma larga vantagem sobre seus pais.

ANEXO II

Questionário

Nome: _____

Escolaridade: _____

Idade: _____

Escolaridade do pai _____ da mãe _____

Trabalha. () com os pais () outro lugar.

Onde _____

Como imagino Deus?